

The background of the cover is a dark, moody photograph of a flower, possibly a lily, with yellow and red petals. Overlaid on this is a circular, glass-like shape that resembles a terrarium. Inside this shape, there is a faint, ethereal image of a person with long hair, possibly a woman, looking downwards. The overall aesthetic is artistic and somewhat mysterious.

Soraya Cristina Pacheco de Meneses

**ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO SOCIAL E
EDUCACIONAL DO SURDO POR MEIO DO FACEBOOK**

ARACAJU/SE - IFS

SORAYA CRISTINA PACHECO DE MENESES

ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO SOCIAL E EDUCACIONAL DO
SURDO POR MEIO DO FACEBOOK

ARACAJU, SE
IFS
2017

© 2017 by Soraya Cristina Pacheco de Menezes

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem prévia autorização do IFS.

Capa: Júlio César Nunes Ramiro

Arte final e diagramação: Júlio César Nunes Ramiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M543c Meneses, Soraya Cristina Pacheco de
Estudo sobre a inclusão social e educacional do surdo por meio do facebook [recurso eletrônico] / Soraya Cristina Pacheco de Menezes. – Aracaju: IFS, 2017.
86 p. : il.

Formato: e-book
ISBN 978-85-9591-040-9

1. Educação inclusiva – redes sociais. 2. Socialização. 3. Facebook – inclusão social. I. Título.

CDU: 376:316.774

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo
CRB 5/1030

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade do autor, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.

IFS

Avenida Jorge Amado, 1551 - Loteamento Garcia – Bairro Jardins
Aracaju - Sergipe - CEP 49025-330
E-mail: edifs@ifs.edu.br

2017



Ministério da Educação

**Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Sergipe**

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro da Educação
José Mendonça Bezerra Filho

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica
Eline Neves Braga Nascimento

Reitor do IFS
Ailton Ribeiro de Oliveira

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão
Ruth Sales Gama de Andrade

PREFÁCIO

O livro que vocês têm em mãos é fruto de dois grandes desafios. O primeiro, envolto na experiência de quem vivencia as dificuldades de um filho com surdez, de quem acompanha e observa, em alguns momentos com angústia, as tessituras e alinhaves deste filho numa rede de significados e práticas numa sociedade envolvida por tecnologias de comunicação audiovisuais. O segundo de uma educadora, que por conta de sua experiência pessoal, decide trabalhar com pessoas com deficiência e ampliar seu universo de observação e estudo, procurando compreender como as relações sociais destes sujeitos são construídas entre si e com a sociedade ao seu redor. O resultado de reflexões sobre essas vivências se encontra aqui transcrito e, como tal carrega toda a intensidade do que Bondía (2002, 19) propõe como “pensar a educação a partir do par experiência/sentido”.

No texto “Notas sobre a experiência e saber de experiência” esse autor observa que em relação à experiência é necessário separá-la da informação e quanto ao saber de experiência torna-se necessário separá-lo de saber coisas. Soraya procura seguir esse conselho ao pé da letra e, com o objetivo de compreender o papel das redes sociais digitais, especificamente, o Facebook, no processo de comunicação do surdo, levanta questões a respeito do processo comunicacional do surdo, em relação ao domínio da língua portuguesa, no contexto tecnológico que vivenciamos.

Nesse sentido retomo a fala de Larossa (2002, pag. 25), para descrever esse texto como um registro sobre a experiência, uma prática “ex-posta”,

“com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “expõe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”.

Aqui você vai encontrar alguém que se expõe de fato e de direito que, tocada por sua própria vivência, se afeta e, com sua pesquisa afeta outros. Tudo lhe passa, lhe emociona e se constitui num movimento de “ir e vir”, “ser e não ser”, mestiço e múltiplo como propõe Serres da Soraya sujeito “mãe/educadora/pesquisadora”. Para além da falta de estudos mais específicos voltados para aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita pelo surdo, o intuito é lançar um olhar diferente sobre as potencialidades e possibilidades de aprendizagem da língua portuguesa pelo sujeito surdo num mundo digital. Aqui Soraya planejou e executou uma viagem, pedagógica. Se concordamos com Seres (2014) e entendemos o ensino como viagem, nesse texto vocês podem conferir essa prática. Ao se aproximar do objeto Educação de Surdos e redes digitais, Soraya parte,

abandona hábitos, muda de língua e se aproxima do outro, nós leitores.

Nesse percurso de ensinar e aprender, identifica as dificuldades e facilidades específicas dos surdos em relação ao processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita para se comunicarem na rede social digital facebook e caracteriza como as formas de utilização da internet pelos surdos podem potencializar o acesso e a construção da escrita da língua portuguesa e analisar se a relação entre o processo de alfabetização dos surdos e a utilização da rede social digital facebook influencia em sua comunicação e interação.

Utilizando-se da netnografia digital, apoiada em Rocha & Montardo (2005) como abordagem metodológica constrói sua análise dos conteúdos a partir de questionário e registro das observações dos diálogos descritos no espaço virtual facebook, da “Comunidade Surda de Sergipe”, formada por jovens e adolescentes surdos. Fundamentada em aportes teóricos de autores como Vygotsky (1989), Quadros (2006), Goldfeld (2002), Sacks (2010), Castells (1999) que fundamentam os conceitos de Inclusão/ Exclusão, Socialização, Comunicação, Interação, Redes Sociais Digitais e Tecnologia Assistiva.

Os resultados evidenciaram a urgência na mudança de paradigmas em relação à comunicação do sujeito surdo, respeitando as diferenças linguísticas e que o uso das redes sociais, mais especificamente o facebook, como ambiente acessível linguisticamente para o sujeito surdo, potencializa positivamente o comportamento social e intelectual desses sujeitos. Por fim, compreendo que esta pesquisa contribuiu para mostrar que a rede social digital Facebook, é um ambiente acessível linguisticamente para o sujeito surdo.

Como um fruto da experiência que constitui um sujeito múltiplo, educador/ pesquisador/mãe, este texto também é um convite para derrubar certezas, reconstruir percursos novos com e para a educação mediada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, aqui com destaque para as redes sociais. Da casa para o ciberespaço e do ciber espaço para casa, Soraia segue o conselho dos mestres M. Serres e Larossa e nos convida para partir, atravessar aponte, deixar o ninho de certezas traçadas pelo tempo, se enriquecer com outros olhares, lugares, aportes, se permiti ver e ouvir coisas novas “porque, para ser verdadeiramente educado, é preciso te expores ao outro, esposar a alteridade e renascer mestiço(1993).”

Boa leitura,

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir viver esse momento especial. Aos meus pais, Joaquim batista Pacheco (in memoriam) e Vilauba Cunha Pacheco, pelo esforço incansável para me oferecer oportunidade de estudar. Obrigada pelo amor e responsabilidade com que me criaram!

Ao meu esposo Aldemberg (in memoriam), pelo apoio (e também impaciência em alguns momentos) nos períodos de ausência e isolamento familiar, como também às minhas filhas Stéphanie e Vilauba, razões da minha vida. Amo vocês.

À Professora Dr^a Andrea Versuti pelo apoio e orientações claras e preciosas e ao Professor Dr^o Ronaldo Nunes Linhares, orientador e amigo nos momentos mais críticos que passei durante a construção desse trabalho.

Aos Surdos de Sergipe, em especial aos “meninos e meninas” do IPAESE que possibilitaram a realização dessa pesquisa, muito obrigada pelo acolhimento.

Agradeço à Prof^a Dr^a Rita de Cácia Santos Souza, fonte de inspiração e maior incentivadora do meu retorno à vida acadêmica. Muito obrigada!

Aos amigos... Foram tantas pessoas que eu encontrei nessa jornada até hoje... amigos são aqueles que nos conhecem verdadeiramente e ainda sim gostam de nós. Não citarei nomes para não ser injusta com ninguém, e também não caberia nesse espaço. Obrigada por me aceitarem do jeito que sou!



***Deficiente**” é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.*

*“**Louco**” é quem não procura ser feliz com o que possui. “**Cego**” é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.*

*“**Surdo**” é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.*

*“**Mudo**” é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia. “**Paralítico**” é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.*

*“**Diabético**” é quem não consegue ser doce. “**Anão**” é quem não sabe deixar o amor crescer.*

Renata Vilella



LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Software Player Rybená.....	43
Figura 02 Software VE-LIBRAS	43
Figura 03 Software ProDeaf.....	44
Figura 04 DVD interativo Aulas temáticas	44
Figura 05 DVD interativo Jogos de bingo.....	45
Figura 06 DVD interativo Medidas de áreas e libras	45
Figura 07 Plataformas acessíveis e interfaces visuais	46
Figura 08 - Closed Caption	47
Figura 09 Janela em língua de sinais.....	47
Figura 10 Dicionário de libras.....	48
Figura 11 Dispositivos portáteis multimídias (PDAs).....	48
Figura 12 Óculos legenda para surdos.....	49
Figura 13 Luva que converte Libras em som.	50
Figura 14 Convite para participação no fórum.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - População residente, por tipo de deficiência, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010	20
Quadro 02- Sujeitos surdos matriculados conforme INEP 2010	20
Quadro 03: Fatos importantes que impulsionaram as políticas de educação da pessoa com deficiência	23
Quadro 04: Filosofias de ensino para o surdo: objetivos e princípios.....	31
Quadro 05: Influência das TIC na aprendizagem.	38
Quadro 06: Demonstrativo de usuários do Facebook no Brasil.....	53
Quadro 07: Demonstrativo de usuários do Facebook em Sergipe	56
Quadro 08: Demonstrativo de usuários do Facebook por sexo e idade	56
Quadro 09 : Objetivos da pesquisa	59
Quadro 10: Quantitativo de participantes por etapa.....	60
Quadro 11: Quadro demonstrativo dos diálogos copiados.....	61
Quadro 12: Recorte dos diálogos copiados.....	64
Quadro 13: Importância das informações na web estarem disponíveis em libras.....	71
Quadro 14: Processo de alfabetização.	74
Quadro 15: Relação entre alfabetização e participação nas redes sociais	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 Distribuição de usuário por idade do Facebook no Brasil.....	53
Gráfico 02 Distribuição de usuário por sexo do Facebook no Brasil	54
Gráfico 03 Distribuição dos participantes por escola.....	67
Gráfico 04 Redes sociais mais utilizadas	68
Gráfico 05 Dispositivos específicos que facilitam a comunicação dos sujeitos surdos.....	69
Gráfico 06 Maiores dificuldades que encontram na leitura de página da internet.....	70
Gráfico 07 Dificuldades no uso dos sites	70
Gráfico 08 Dificuldade de leitura.....	72

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

APADA-Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos CENESP - Centro Nacional de Educação Especial

CORDE- Comitê de Ajudas Técnicas da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência

DIEESP – Divisão de Educação Especial FB – Facebook

FENEIS - Federação Nacional de Educação dos Surdos IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística INEP – Instituto Nacional de Educação e Pesquisa INES-Instituto Nacional de Educação dos Surdos

IPAESE – Instituto Pedagógico de Atendimento á Educação do Surdo de Sergipe LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais MEC-Ministério de Educação e Cultura SEED – Secretaria de Estado da Educação SEPE - Secretaria de Educação Especial TA-Tecnologia Assistiva

TIC- Tecnologia de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - SUJEITO SURDO: RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE INCLUSÃO/ EXCLUSÃO	19
Educação e inclusão social do sujeito surdo.....	19
Cultura e Comunicação do surdo	25
Processos de alfabetização/ letramento na escola inclusiva.	28
CAPÍTULO II – REDES SOCIAIS DIGITAIS: ESPAÇO INTERATIVO NA EDUCAÇÃO E NA COMUNICAÇÃO DOS SURDOS	34
A tecnologia intervindo na comunicação do sujeito surdo.....	34
Alfabetização digital e Tecnologia Assistiva: Políticas de inclusão / acessibilidade / usabilidade	39
Redes sociais digitais: Espaços virtuais de socialização	50
Histórico e caracterização da rede social Facebook	51
Dados do facebook no Brasil.....	52
Dados do facebook em Sergipe	55
CAPÍTULO III – O PERCURSO, AS ROTAS E OS RESULTADOS.	57
O Percorso Metodológico.....	58
Os sujeitos da Pesquisa, Campo Empírico e os Recursos	59
Organização e análise dos dados.....	61
Análise e discussão dos resultados com base nas categorias conceituais: linguagem, rede sociais, comunicação de surdos, interação e inclusão	62
Análise dos resultados coletados através da observação no Facebook.....	62
Análise dos resultados coletados através do questionário online.	66
Análise dos resultados coletados através do fórum	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS	82



INTRODUÇÃO

A inclusão social de alunos com deficiência, e no caso a pessoa com surdez, exige uma postura em que seja possibilitado o seu desenvolvimento global compreendendo a singularidade de sua forma de comunicar-se, viabilizando situações que favoreçam a aprendizagem, desenvolvimento da autonomia e consequentemente uma melhor qualidade de vida para os mesmos. Para que isso ocorra, é necessário garantir a sua inserção na sociedade promovendo os meios necessários à sua interação com o mundo.

Observando a comunicação do Surdo, sua forma, sua percepção do mundo “ouvinte”, a dificuldade de fazer-se entender, numa língua diferenciada, me reporto à Souza (2010, p. 30), quando explica que: “A intrínseca relação do ser humano com a linguagem não se limita a uma língua, e muito menos à fonação. Não é uma relação mecânica de significados e significantes, [...] a linguagem é parte da formação do ser, da integridade humana.”.

Nesse entendimento, a dificuldade que o Surdo tem em perceber a mensagem transmitida de forma sonora pode ser superada, em termos, se compreendermos a linguagem de forma mais abrangente onde todas as manifestações comunicacionais estejam presentes e possam oferecer condições do surdo se expressar e se sentir pertencente de um grupo social, permitindo a formação da autoimagem que é a expressão do ser, sua identidade.

Conforme Meneses (2013), os surdos afirmam que existem dificuldades no processo de comunicação por meio das redes sociais digitais. Para muitos, estas dificuldades estão no campo da leitura e da escrita. Para alguns destes jovens a grande dificuldade é entender a cultura ouvinte e ler textos grandes, mas o acesso às redes tende a melhorar a qualidade da sua produção escrita e compreensão dessa cultura.

Vivemos numa sociedade onde a tecnologia ocupa um importante lugar, redefinindo as formas de trabalho e as práticas de socialização e comunicação; uma sociedade de direitos onde os surdos conseguiram políticas de inserção social que propõe sua inclusão social e a inclusão social dos sujeitos surdos dependem do domínio da língua oficial, no caso a língua portuguesa, e o acesso e uso das Tecnologias da informação e Comunicação (TIC).

As dificuldades enfrentadas pelo sujeito surdo para aprender o português, quando não é a sua língua materna, ou seja, quando não é a primeira língua que ele tem acesso para se comunicar, vem do fato do mesmo não ter acesso à língua portuguesa por meio de metodologias apropriadas de ensino, eles são expostos a essa língua de maneira descontextualizada, o que compromete a escrita e a compreensão de textos em português

trazendo como resultados visíveis, o desestímulo de frequentar a escola e também grande percentual de distorção idade/série. Partindo desse quadro, entendo que uso dos recursos da tecnologia, em especial as redes sociais digitais, podem se apresentar como um aliado na construção de aplicativos e novas estratégias e metodologias de ensino da língua portuguesa para os surdos.

O desejo de realizar essa pesquisa surgiu a partir de minha convivência com minha filha surda que diariamente à frente do computador, questiona-me sobre como escrever as frases em português, me afirmando sempre: “quero escrever português certo...

é difícil para surdo, a vida do surdo é um abismo, a família não conversa com a gente é melhor ficar com os amigos surdos”. Então fiquei observando como ela se comunica pelas redes sociais digitais com seus amigos surdos e ouvintes, e as estratégias criadas por ela para efetivar essa comunicação.

Diante do exposto, entendo que essa pesquisa se justifica diante da escassez de pesquisas nesta área e necessidade de estudos mais específicos voltados para aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita pelo surdo, por observar, através da literatura, que as redes sociais digitais podem ser um instrumento potencial no desenvolvimento da escrita do surdo e lançar um novo olhar sobre as potencialidades e possibilidades de aprendizagem da língua portuguesa pela pessoa com deficiência por meio das tecnologias digitais. É importante ressaltar que a realização dessa pesquisa foi submetida ao Comitê de ética da Universidade Tiradentes, sob o número de cadastro 09101R, sendo aprovada sua execução por meio de parecer substanciado no dia 23 de fevereiro de 2012.

Essa pesquisa tem como objeto de estudo compreender o papel das redes sociais digitais no processo comunicacional do surdo. No decorrer da pesquisa tentamos responder à seguinte pergunta: como se dá o processo comunicacional do surdo, em relação ao domínio da língua portuguesa, nesse contexto tecnológico que vivenciamos? Para responder a esta pergunta formulou-se o seguinte objetivo geral: analisar o papel das redes sociais digitais na comunicação entre surdos através da observação da escrita da língua portuguesa nessas redes digitais, mais especificamente, no Facebook (FB).

Para atingir este objetivo maior elenquei como objetivos específicos: identificar as dificuldades e facilidades específicas dos surdos em relação ao processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita para se comunicarem na rede social digital facebook; identificar e caracterizar como as formas de utilização da internet pelos surdos podem potencializar o acesso e a construção da escrita da língua portuguesa e analisar se a relação entre o processo de alfabetização dos surdos e a utilização da rede social digital facebook influencia em sua comunicação e interação.

O trabalho está embasado na teoria histórico - cultural de Vygotsky e em seus estudos voltados para o aprendizado da pessoa com deficiência.

A fundamentação teórica está centrada nos conceitos de Inclusão/ Exclusão, Socialização, Comunicação, Interação, Redes Sociais Digitais e Tecnologia Assistiva, tendo como referencial os estudos de Vygotsky (1989), Quadros (2006), Goldfeld (2002), Sacks (2010), Castells (1999), Lévy, Galvão entre outros.

Para a realização deste trabalho, optamos por utilizar como abordagem metodológica a netnografia digital. De acordo com Rocha e Montardo (2005, p. 9)

Uma das possibilidades de se estudar o imaginário virtual e seus atores sociais se faz pelo método da observação. Assim como é comum para a antropologia, a observação no ciberespaço é relevante. Porém devido à natureza desterritorializada do ciberespaço, o que se pergunta é de que forma fazer a observação participante à distância. A premissa básica da aproximação ao objeto de estudo merece, então, um redirecionamento. (...)Para tanto são apresentados como instrumentos de pesquisas: *cyberinterviews, e-mails, board postings, e homepages*.

Citando Sá (2001) e Rocha e Montardo (2005) definem a netnografia digital como “uma metodologia assumidamente focal, experimental, detalhista e interpretativa, que se reconhece como fruto de uma “negociação construtiva” entre o pesquisador e o pesquisado durante relações concretas, intensivas e carais.” Para tanto, os instrumentos de coleta de dados, usados foram: observação de diálogos, questionário on line e fórum de discussão. Os dados coletados foram registrados por meio de questionários e de cópia dos diálogos e do fórum realizados no Facebook.

A análise foi qualitativa, por meio da análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2002) é “(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. A abordagem de análise de conteúdo tem por finalidade, a partir de um conjunto de técnicas, explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou os efeitos dessa mensagem.

O espaço virtual por meio da “Comunidade Surda de Sergipe”, formada na rede social digital Facebook, foi nosso campo empírico de pesquisa. Os sujeitos deste estudo foram 30 jovens e adolescentes surdos que participam da referida comunidade.

O texto está dividido em quatro partes, sendo: uma introdução onde apresento a pesquisa em linhas gerais enfocando o histórico da inclusão social e educacional do

sujeito surdo; a cultura e comunicação do surdo; os processos de alfabetização/ letramento na escola inclusiva, seguida de três capítulos. O primeiro capítulo intitulado Sujeito surdo: relação dialógica entre inclusão/exclusão, onde discuto sobre a cultura e comunicação do sujeito surdo e, sua educação e inclusão social e como se dá os processos de alfabetização/ letramento na escola inclusiva. O segundo capítulo, intitulado Redes Sociais Digitais: espaço interativo na educação e comunicação dos surdos trata da tecnologia intervindo na comunicação do sujeito surdo; a alfabetização digital e Tecnologia Assistiva, as políticas de inclusão / acessibilidade / usabilidade, nas redes sociais digitais e espaços virtuais de socialização e também o histórico e a caracterização da rede social Facebook no Brasil e em Sergipe. O terceiro capítulo intitulado O Percurso, As Rotas E Os Resultados, eu exponho o percurso metodológico, destacando os sujeitos da pesquisa, campo empírico e os recursos utilizados e como foi feita a organização dos dados; a análise e discussão dos resultados obtidos nas fases da pesquisa (observação no Facebook, questionário on line e fórum de discussão); e por fim, as considerações finais onde explico as minhas reflexões acerca dos resultados obtidos na pesquisa, além das limitações do estudo e sugestões, baseadas nas concepções teóricas defendidas nessa dissertação.

CAPÍTULO I

SUJEITO SURDO: RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE INCLUSÃO/EXCLUSÃO

Isso que vês, como expressarás com palavras? O mundo nos entra pelos olhos porém não adquire sentido até que desça à nossa boca.

Paul Auster

Partindo de um enfoque geral sobre a inclusão sendo um processo em construção e que esse processo passa pelo entendimento que temos acerca do conceito de exclusão em cada fase histórica, não pretendo fechar um significado mas apresentar algumas compreensões contextualizando suas mudanças conceituais ao longo da história.

O que é igualdade e o que é diferença, o que é habilidade e competência e o que é deficiência? A cada momento histórico essa pergunta tem respostas moldadas conforme as correntes de interpretação que orientaram as práticas de cada período.

Nesse capítulo irei desenvolver o conceito de educação e inclusão social do sujeito surdo ao longo da história contemplando as categorias conceituais de exclusão, segregação, integração e inclusão cultura e comunicação do surdo destacando a necessidade de uma educação para os indivíduos surdos que possa atender sua singularidade linguística enfatizando a evolução do desenvolvimento do processo histórico e cultural da comunidade surda, observando como se dá o processo de alfabetização e letramento na escola inclusiva compreendendo-os como uma prática social onde as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Por fim, irei fazer um panorama das filosofias educacionais (oralismo, comunicação total e o bilinguismo) que permeiam a educação do sujeito surdo.

1.1 Educação e inclusão social do sujeito surdo

Ao analisar a evolução do conceito de inclusão sob o enfoque social e educacional, busquei na literatura compreender as transições por quais tem passado, ou seja, a forma como a sociedade e a escola por meio de seus agentes entende e pratica essa inclusão levando em consideração que a escola é composta por sujeitos socialmente conectados e está inserida em um contexto político-social-econômico.

Ao longo da história é premente a presença de segregações de toda ordem: sociais,

econômicas, políticas, raciais e físicas. Todas afetaram e afetam de alguma forma os modelos educacionais vigentes. As diferenças e as deficiências inclusas no ambiente escolar implicam a importância de entender que o papel da escola, como espaço inclusivo, deve ser o de suscitar desafios, reflexões e debates que denotem a coexistência de diferenças na diferença.

Lembro que essa organização temporal contemplando as categorias conceituais de exclusão, segregação, integração e inclusão, são meramente didáticas, implica dizer que muitas delas podem estar sendo vivenciadas concomitantemente.

Adentrando mais especificamente no meu objeto de estudo, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) existem no Brasil, 9.722.163 sujeitos surdos. Deste universo 3.101.800 (30,1%) vivem no nordeste e 111.726 (2,7%) em Sergipe.

Quadro 01 - População residente, por tipo de deficiência, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010.

Regiões	Total	Pelo menos uma das deficiências investigadas	Deficiência Auditiva		
			Não consegue de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade
BRASIL	190 755 799	45 623 910	347 481	1 799 885	7 574 797
NORDESTE	53 081 950	14 133 713	89 490	569 256	2 416 254
SERGIPE	2 068 017	518 901	3 278	20 108	88 376

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Resultados Preliminares da Amostra Tabela 1.1 - População residente, por tipo de deficiência, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010.

Em relação ao número de sujeitos surdos efetivamente matriculados, os resultados do INEP (2010), nos informa a existência de 450.407, sendo 3.023 em Sergipe e 856 em Aracaju.

Quadro 02- Sujeitos surdos matriculados conforme INEP 2010

	Matrícula inicial – 2010				
	Educação Especial (Alunos de Escolas Especiais, Classes Especiais e Incluídos)				
	Educação Infantil	Ensino Fundamental	Médio	EJA Presencial	
				Fundamental	Médio
BRASIL	33.641	358.701	20.080	34.730	3.255
SERGIPE	317	2.436	84	176	10
ARACAJU	214	588	32	17	05

Fonte: ANEXO II, INEP 2010.

Analisando os dados acima posso afirmar que os surdos estão incluídos no

processo educacional, mas carece analisar de que forma está sendo feita essa inclusão e para isso farei um apanhado sobre o desenvolvimento desse processo.

O processo educacional do surdo como sujeito histórico teve diferentes significações a partir dos conceitos de mundo e sociedade dominantes de cada época, dependendo dos ideais de perfeição de quem detém o poder econômico, político ou das ideias, o que me leva a pensar sobre quais motivos provocaram as mudanças na forma de compreendê-los desde seres subumanos, ou seja, até serem reconhecidos como sujeitos ou cidadãos.

Na literatura especializada, não há referências que concretizem a ideia de que tenha havido comunidades de surdos antes do final do século XVIII. Encontramos alguns casos isolados sobre a existência de surdos e sua forma de comunicação, percebidos, especialmente nos campos da filosofia e da religião. Quando observamos o posicionamento da sociedade perante o surdo e sua comunicação, percebo quanto o pensamento filosófico e eclesiástico permearam essa questão.

Gugel (2007) e Coutinho (2008) demonstram o desenvolvimento do pensamento acerca da deficiência ao longo da história e sua influência social e educacional desde a antiguidade até a contemporaneidade. Estes autores afirmam que tanto Platão, no livro A República, tanto quanto Aristóteles, no livro A Política, abordam nas questões do planejamento das cidades gregas e sugerem que as pessoas nascidas “disformes” deveriam ser eliminadas. Conforme Coutinho (2008), o sujeito surdo na cultura grega é compreendido por Aristóteles (séc. IV a. C.), como pessoa com menos inteligência. Essa posição de Aristóteles perante os surdos foi um marco para o mundo ocidental, mantida também para a idade média.

Embora o Velho Testamento preconize que as pessoas surdas mereciam respeito como seres integrantes do plano de Deus. (Coutinho, 2008, p. 32), o Novo testamento se refere às pessoas surdas como que sendo possuídas por “demônios” afirmando que somente quem “ouve” a palavra de Deus pode ser salvo: “*a fé só se obtém pela audição*” (S. Paulo, Romanos X: 17). O pensamento religioso reforça esse entendimento, na medida em que defendiam que a fala era um dom divino e era negado o direito à instrução aos surdos. Então, para o sujeito surdo, advento do cristianismo mostrou uma continuidade da exclusão social e educacional.

Durante a modernidade, apesar do avanço da educação fundamental, o atendimento educacional às crianças especiais ainda era muito precário, ou melhor, quase ausente. Gradualmente surgem algumas escolas especiais privadas que enfatizavam o atendimento clínico especializado; os estudos e experiências acerca da pessoa com deficiência evoluíram dentro de uma visão filosófica e humanística e começou-se a pensar a deficiência como resultado da hereditariedade, aspectos orgânicos, biotipologia, etiologia, caracterização de quadros típicos, distorções anatômicas etc. (RIBEIRO, 2003, p. 42).

Com a revolução Industrial, o início do século XX foi marcado pelo modelo de atendimento médico - institucionalista predominando ainda o atendimento educacional segregacionista. A obrigatoriedade e expansão da escolarização básica trouxeram o aumento da clientela também a multiplicação dos casos de crianças que não acompanhavam o ritmo da maioria. Uma vez que a escola foi preparada para a “normalidade” o que fazer com as crianças que não aprendiam? Viu-se então a necessidade de criar uma pedagogia diferenciada para atender a essa demanda, a educação especial institucionalizada tendo como base os níveis de capacidade intelectual dos alunos. Neste momento a sociedade apresenta posições ao mesmo tempo segregacionistas ou integracionistas quando o atendimento educacional ainda é realizado em escolas especiais ou em instituições e inclusivas onde a pessoa com deficiência está na escola comum passando a “existir” com direito a cidadania, mas ainda sem os aparatos necessários à sua evolução educacional.

As novas técnicas de oralização e as invenções na área audiológica aliados a técnicas cirúrgicas, lançaram novos parâmetros ao processo educacional do surdo tornando obrigatório o uso da oralidade. Do fim do século XIX até a metade do século XX, com as primeiras pesquisas na área da linguística sobre a língua de sinais, abre novo leque de possibilidades para aquisição de informação e conhecimento através da utilização de recursos visuais, como o desenho, a fotografia, filmes, e a língua de sinais, vista como um recurso de apoio à aprendizagem da língua oral. E essa nova compreensão sobre a aprendizagem, trouxe mais desafios à educação especial, atingindo especialmente a maior dificuldade do surdo, que é domínio da língua escrita e da leitura em português.

Ainda na década de 1960, é colocado em prática o fundamento filosófico da normalização, a partir de estudos realizados na Dinamarca, sobre o atendimento ao excepcional, onde os mesmos deveriam ter condições de vida idênticas a todos, a Integração, que supõe um trabalho em equipe com médicos, equipe escolar, comunidade e família, além do suporte legal de ações governamentais, para que possa ser implementado diretrizes básicas, através de um projeto pedagógico que respeite a individualidade e potencialize o desenvolvimento de habilidades inerentes a todo ser humano.

No Brasil, o processo de Inclusão iniciou na década de 1990 do século XX, norteada legalmente pela Constituição Federal Brasileira de 1988, nos seus artigos 206, que “estabelece a igualdade de condições de acesso e permanência na escola”, e o artigo 208 que obriga o Estado a “oferecer ensino fundamental gratuito para todos independente da idade e o atendimento educacional especial aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n 9394/96) reafirma a Educação Especial como parte integrante da educação geral, com o princípio onde “o ensino deve ser ministrado a todas as crianças, jovens e adultos com necessidades

Educativas Especiais preferencialmente no sistema comum de ensino”, além do subsídio do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Política Nacional de Educação Especial.

No quadro 03 apresentamos outros fatos importantes que legitimaram o processo de inclusão, conforme citamos abaixo:

Quadro 03: Fatos importantes que impulsionaram as políticas de educação da pessoa com deficiência

Processo de integração		
Período	Brasil	Sergipe
1970	Criação do Centro Nacional de Educação Especial CENESP, com o objetivo de organizar a escolaridade das pessoas com deficiência. (JANUZZI, 2006). A reforma do Ensino de 1º e 2º graus (5692/71), reforça a organização da Educação Especial de forma paralela à educação comum. (LDB, nº. 5.692/71 Art. 9º).	Formação de uma equipe de apoio pedagógico, integrante da Secretaria de Educação e Cultura na escola de 1º grau “11/8/1977, com classes especiais para surdos. (SOUZA, 2005).
1980	Criado a Secretaria de Educação Especial (SEPE), através de decreto nº 93.613 de 21/11/1986, integrando a estrutura básica do MEC.	Em 1989, é criado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, o Centro de Educação Especial.
	Constituição Federal (1988), define a educação como um direito de todos, estabelece como um dos princípios para o ensino, a oferta do atendimento educacional especializado.	
Processo de inclusão		
1990 e 2000	A Conferência Mundial sobre Educação Para Todos 1990) Destaca as medidas para garantir igualdade de acesso e permanência às pessoas portadoras de deficiência no sistema educacional. Declaração de Salamanca (1994), com o princípio undamental de que “(...) as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, ntelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e outras (...)”. Resolução nº. 02 de 11/9/2001 Instituem Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação. A Lei nº 10.436, de 24/4/2002, oficializa A língua Brasileira de sinais (libras). Decreto nº 6.094/07 estabelece a inclusão educacional, com apoio do atendimento educacional especializado AEE), e o direito do aluno surdo ter uma educação bilíngue, tendo a Libras (língua Brasileira de sinais) como primeira língua e o português como segunda língua. Decreto nº -7.611, de 17/11/2011,instituí o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite, e no Art. 12 institui o Comitê nterministerial de Tecnologia Assistiva.	Em 1991é criada no estado de Sergipe a Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo APADA-SE). Em 21 de dezembro de 2000, é undado o Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe – IPAESE - Foi a primeira escola especializada no ensino especial para surdos do Estado de Sergipe.

Fonte: PRADO, R. B. de S.; CORRÊA., 2011.

Ao analisar esses eventos, observamos, então, uma mudança de paradigma com a inclusão, pois ao invés da pessoa com deficiência ter que se adequar à escola

e à sociedade, a escola e a sociedade é que devem, ao menos em respeito às políticas já existentes que garantem esses direitos, se adequarem para reconhecer a pessoa com deficiência, como cidadãos, com direitos a uma vida com qualidade, inserida na sociedade e especificamente ter uma escola que reconheça e otimize sua estrutura e metodologias a fim de atendê-las igualitariamente, respeitando suas diferenças.

Com relação ao atendimento educacional especializado que tem como objetivo maior incluir todos no ensino regular é preciso avaliar muito bem de que forma está sendo implementado, observando as condições estruturais das escolas para recebê-los, a formação do professor e também a preparação da comunidade escolar no intuito de aceitar e conviver com a diferença, isto é, fazer uma inclusão com responsabilidade.

Percebo que quando se propõe uma educação inclusiva, afirma-se que existem os excluídos. Então é necessário refletir sobre uma política educacional nacional que realmente acolha as diferenças nos contextos sociais, políticos, linguísticos e cultural; e não uma inclusão de todos objetivando interesses políticos baseados na homogeneidade, pois resultará na continuidade da exclusão.

No que tange aos estudos sobre a língua de sinais, no final do século XX, desencadearam vários movimentos sociais liderados pelos surdos do Brasil e estudiosos da área, em prol do reconhecimento da Língua brasileira de Sinais a (libras), objetivando sua utilização oficial, como forma de comunicação do surdo, com a libras adquirindo estatuto oficial de língua, com estudos sobre sua forma escrita, a pessoa surda dá mais um passo para afirmar sua identidade cultural e linguística.

No Estado de Sergipe, a educação para pessoas com deficiência acompanhou o mesmo ritmo do desenvolvimento nacional, e ainda convive com espaços de exclusão, integração e em processo de inclusão, e já vemos um avanço significativo na escolarização dos surdos, que estão adentrando o ensino superior.

Incluir as pessoas com deficiência no ambiente social e escolar exige que criemos um ambiente inclusivo que suscite desafios e reflexões. A inclusão social e educacional de alunos com deficiência, e no caso a pessoa com surdez, exige uma postura diferenciada no que concerne principalmente a sua forma de comunicação em que seja pensado o seu desenvolvimento global procurando entender as necessidades comunicacionais inerentes ao ser humano e viabilizar situações que favoreçam a aprendizagem, desenvolvimento da autonomia e consequentemente uma melhor qualidade de vida. Para que isso ocorra, é necessário garantir a sua inserção na sociedade, promovendo os meios necessários à sua interação com o mundo e entendo que nessa inserção há um fator preponderante: respeito à diversidade cultural e linguística, que são, a meu ver, os principais empecilhos à educação do sujeito surdo, assim como também à maioria das demais pessoas.

1.2 Cultura e comunicação do surdo

Percebo que é premente a necessidade de reconhecimento e valorização da cultura surda, entretanto, também é igualmente importante o respeito aos surdos que não são usuários da libras, ao direito de escolha também da família, ou seja, a diversidade cultural deve ser respeitada em todos os âmbitos.

Segundo skiliar (1998), dentre outros autores, o sujeito surdo é bicultural, pois está inserido em duas culturas, ouvinte e surda. Essa cultura (surda), como qualquer outra cultura, tem a língua como parâmetro principal, de onde é criada toda uma forma de convivência e socialização. Segundo Hall e Canclini, (2000), apud BASTOS (2011),

Na chamada Pós-Modernidade ou modernidade tardia, demarcada, principalmente, pela égide da globalização, a compreensão de identidade que ganha forma é a identidade móvel, flutuante, consequentemente, acompanhando essa discussão se consolidam ideias de que não existem mais culturas fixas, autônomas, isoladas e autossuficientes. Como resultado do processo de globalização, as culturas se mesclam em um processo de hibridização. (HALL e CANCLINI, 2000).

Nesse contexto, seguindo a linha teórica defendida pelos autores, observo que a cultura Surda é uma cultura mista, híbrida, pois é construída e vivenciada com laços estreitos com a cultura ouvinte.

Ao conceber o homem como um ser histórico-cultural, Vygotsky apresenta a ideia de que o desenvolvimento se dá a partir da inserção do homem num contexto que lhe possibilite relacionar-se com o mundo e apropriar-se dos significados culturalmente construídos. Nos seus estudos sobre defectologia, Vigotsky, apud Sales et Al (1995) traz à discussão, uma compreensão dialética entre o biológico e o ambiente social, histórico e cultural, por meio de um entendimento mais amplo das alterações do desenvolvimento humano.

Segundo Diaz (2011),

Nesta concepção, o cultural e o social se entrelaçam e se incluem entre si: a cultura faz parte do social e o social tem uma de suas expressões na cultura que, por sua vez, desenvolve o social. Desta forma, acontece toda uma influência social em geral e cultural em particular, expressa fundamentalmente pelo processo educativo que atua sobre cada membro da sociedade culturalizada, através principalmente da família e da escola, porém também através dos grupos, da mídia, das outras pessoas, das diferentes instituições públicas e privadas, enfim, de tudo o que é produzido pelo conjunto de seres humanos em interação, isto é, pela sociedade e pela cultura.

Refletindo sobre o pensamento do autor, o desenvolvimento humano é possibilitado por sua inserção ou exposição à sociedade e sua cultura, não esquecendo que o momento histórico em que vive que também traz influências sociais e culturais em sua história individual-social, e essa interação é determinante para uma aprendizagem significativa.

Para garantir um desempenho educacional satisfatório deve-se construir um processo educacional que promova os meios comunicativos necessários à sua aprendizagem. Vigotsky (1991, p. 44) afirma que: “O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança.”. Ele faz a relação entre linguagem e pensamento, onde o significado é o ponto de união dos dois, faz a mediação entre o indivíduo e o mundo, tornando-os capaz de aprender e interagir com o mundo.

Esta consideração reafirma o critério instrumental do psicólogo russo com respeito ao papel que exerce a cultura (aculturação) principalmente através dos signos, como veremos mais adiante, num mundo caracterizado pelo convívio em sociedade, onde se estreitam os relacionamentos humanos (socialização).

O referido autor introduz a questão da cultura discutindo o problema do desenvolvimento da criança e a aquisição das formas superiores de conduta, como a atenção voluntária, o pensamento, a linguagem e a memória lógica, afirmando que no ser humano, o cultural supõe e também transforma o biológico, permitindo ao sujeito desenvolver processos de compreensão do mundo por meio de interações com seu contexto físico, simbólico e histórico-cultural. Vigotski apud Sales et al (2011), afirma que o desenvolvimento cultural é a principal esfera onde podemos compensar a deficiência, se não pelo desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural.

Dentro dessa compreensão, o desenvolvimento humano resulta dos aspectos biológicos e culturais. O que herdamos biológica e culturalmente nos remete ao uso da linguagem e outras formas culturais e, inclusive para aprender uns com os outros por meio de processos educacionais e culturais, e a cultura é histórica, construída na sociedade. Segundo Diaz (2011),

Vygotsky privilegia o “signo” linguístico sobre os demais “signos” como característica da aprendizagem exclusivamente mediada pelo ser humano, já que lhe permite obter informação, aprender, através da palavra; é por isso se refere a ela de forma particular como mediação social,... mediados pela linguagem, os homens podem compartilhar suas experiências formadas por conhecimentos, vivências e valorações numa atividade dialógica constante que, além da transmissão dessas experiências acumuladas na história humana às novas gerações, assegura o aperfeiçoamento da cultura da humanidade.(DIAS, 2011, p. 61,62)

Portanto, é nas relações interpessoais, por meio da linguagem, em suas múltiplas formas e signos, como a internet e as redes sociais digitais, por exemplo, que as pessoas vão formando, desenvolvendo, ampliando sua subjetividade, seu pensamento e sua ação.

Ainda com Vigotski (apud Sales et Al, 2011), adentrando mais especificamente na comunicação do surdo, estamos acostumados a entender a que a fala é emitida apenas pela boca, e isso é convencionado pelo comportamento cultural e mais grave ainda a educação incute esse conceito de fala no sujeito surdo.

Compreendo então, que a escola precisa entender que os surdos aprendem através do canal visual, enquanto que os ouvintes aprendem através do canal oral-auditivo, ter consciência da realidade linguística dos alunos e utilizar os métodos adequados à essa realidade. Ora, se o sujeito surdo não tiver acesso à educação formal e informal, por meio de uma língua que domine, como ser realmente inserido na sociedade e na cultura?

A esse respeito, Skliar (2005, p. 26) destaca que: “O sentido que dou a uma educação e a uma escola possível se refere à criação de políticas linguísticas de identidade, comunitárias e culturais, pensadas a partir do que os outros, os surdos, se representam como possível e do modo como os outros, os surdos, reconstruem o próprio processo de educação”.

Dessa maneira, o referido autor destaca a necessidade da educação de indivíduos surdos atender sua singularidade e para a importância de participação da comunidade surda em seu processo histórico e cultural. Skliar (2005, p.27) acrescenta que: “Além das crianças surdas possuírem a potencialidade da aquisição da língua de sinais, e de construírem estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado.

Então, se dermos ao sujeito surdo a oportunidade de comunicar-se em uma língua adequada à sua compreensão, no caso língua de sinais, e de ter respeitado sua cultura, apoiada pela opinião de Strobel (2007, p.26) serão vistos como seres capazes e produtivos.

Saks (2010) complementa essa compreensão quando diz que o infortúnio da surdez só aparece com a falta de linguagem, que acontece quando o surdo não é exposto à uma língua apropriada, gerando comunicação, trazendo revezes linguísticos, intelectuais, emocionais e culturais.

Em outras palavras, a exposição a uma forma de linguagem viável ao surdo é que vai garantir uma comunicação efetiva, em seu sentido mais amplo, dirimindo os revezes oriundos da falta da comunicação.

Dominique Wolton (2010, p. 12- 13), observa que: “o desafio é menos de compartilhar o que temos em comum do que aprender a administrar as diferenças que nos separam (...) na comunicação, o mais simples tem a ver com as tecnologias e mensagens, enquanto o mais complicado tem a ver com os homens e as sociedades”.

Entendemos então que, o que impede que a comunicação seja efetiva, não é

encontrar o que temos em comum utilizando a tecnologia a seu favor, mas aprender a conviver com a diversidade. Para a pessoa surda, o que falta são exatamente os meios de se comunicar. A observação de Wolton (2010) reforça nosso entendimento sobre a importância e condições necessárias para a comunicação. Para este autor:

O problema não é mais somente o da informação, mas antes de tudo o das condições necessárias para que milhões de indivíduos se comuniquem ou, melhor, consigam conviver num mundo onde cada um vê tudo, sabe tudo, mas as incontáveis diferenças – linguísticas, filosóficas, políticas, culturais e religiosas – tornam ainda mais difíceis a comunicação e a tolerância. A informação é mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais. (WOLTON, 2010, p.12).

Nessa perspectiva, concordamos que a comunicação é essencial a qualquer ser humano e, é necessário que pensemos numa perspectiva de valorização diversidade cultural, proporcionando acessibilidade comunicacional, no caso se utilizando de todas as ferramentas possíveis e disponíveis, inclusive as tecnológicas, para atender a essa diversidade.

Corroborando esse pensamento, cito Souza (2007),

Os esforços das diferentes visões educativas sobre a educação dos surdos não têm alcançado grandes sucessos, quanto ao acesso dos surdos à língua escrita... No entanto, o domínio de uma segunda língua, no caso, o português, precisa ser conquistado. A LIBRAS e o português são línguas oficiais. E o domínio da segunda, que é utilizada por quase todos os brasileiros, é um importante passo para a emancipação do surdo. (SOUZA, 2007, p.63).

Que fazer então, para que o sujeito surdo adentre o mundo letrado, quando ainda não conseguimos alfabetizá-lo em sua própria língua, a de sinais? A respeito desse questionamento, Quadros (2006, p. 33) afirma que “Os surdos não são letrados na sua língua quando se deparam com o português escrito. A escrita passa a ter uma representação na língua portuguesa ao ser mediada por uma língua que haja significação”.

A autora nos esclarece que, sem a compreensão do significado das palavras em língua de sinais, não há como representá-la na língua portuguesa. Como se desenvolve os processos de alfabetização /letramento numa escola inclusiva? Adiante, irei tratar desse tema como mais profundidade.

1.3 Processos de alfabetização/ letramento na escola inclusiva

A acessibilidade comunicacional do surdo perante a comunidade ouvinte é deficitária, no momento em que se utiliza de canais diferenciados de percepção da

informação. A falta do sentido proximal da audição, afeta diretamente o processo de comunicação, e, por conseguinte de letramento da pessoa surda porque a construção da linguagem está condicionada à interação com outras pessoas para que possa apropriar-se da cultura e se constituir como sujeitos. Segundo Soares (2003 p.17-18), letramento, no sentido hoje lhe dado. A autora explica que pensando no indivíduo, aprender a ler e escrever traz consequências que muda sua condição no que concerne aos aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e também econômicos.

Entendo então que letramento é o que resulta da apropriação da ação de ler e escrever e como essa ação interfere no âmbito social e cultural do sujeito, inferindo-lhe uma nova condição de pertencimento a um determinado grupo social. Quando nos referimos ao letramento da pessoa surda estamos nos baseando nessa compreensão que para ser considerado letrado é necessário que a pessoa tenha incorporado os usos sociais da leitura e da escrita. Os termos alfabetização e letramento seriam para Soares (2003, p.47) “... ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Optamos aqui pela definição de Sribner, (1984, p.7-8 *apud* SOARES 2003), quando diz que:

As tentativas de definição (de letramento) estão quase sempre baseadas em uma concepção de letramento como um atributo dos *indivíduos* busca descrever os constituintes do letramento em termos de habilidades individuais. Mas o fato evidente a respeito do letramento é que ele é um fenômeno social (...). O letramento é um produto da transmissão cultural (...). Uma definição de letramento (...) implica na avaliação do que conta como letramento na época moderna em determinado contexto social. Compreender o que é o letramento envolve inevitavelmente uma análise social (...). (SRIBNER, 1984, p.7-8 *apud* SOARES, 2003, p. 66).

Então como pensar o sujeito surdo nesse contexto, já que é exposto a uma língua que é baseada na sonoridade, onde a forma escrita não lhe é própria, e o surdo não consegue interagir, ou seja, tem uma cultura diferenciada dos ouvintes, são “estrangeiros” dentro do seu próprio país. Fica difícil para o surdo apropriar-se das nuances da língua portuguesa, utilizando-se em geral do sentido literal das palavras, deixando-os aquém dos ouvintes no que concerne a compreensão do contexto comunicacional.

Assim, o letramento pode ser pensado como uma prática social, onde as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Segundo a teoria sociocultural, Vigotsky (*apud* OLIVEIRA, 2005) afirma que o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento, que ocorre no contato do indivíduo com o ambiente cultural. Ele relaciona linguagem e pensamento, e coloca significado como

ponto de união dos dois. Para o autor o significado faz a mediação entre o indivíduo e o mundo, tornando-os capazes de aprender e interagir com o mundo.

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da 'palavra', seu componente indispensável. [...] O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. (VIGOTSKY, apud OLIVEIRA, 2005, p.150)

Então concordo que a linguagem possui funções comunicativas e de construção do pensamento, que o indivíduo desenvolve por meio das relações sociais e linguísticas. Ao nos reportarmos ao sujeito surdo, percebemos que a ausência da audição gera problemas comunicativos, não os possibilitando adquirir a língua portuguesa naturalmente, dificultando construir um sistema conceitual, que permita compreender as relações e o contexto. Ou seja, a expressão e compreensão só são viáveis quando o sujeito é capaz de generalizar, relacionando sua experiência com o outro, assim o desenvolvimento cognitivo não é apenas um processo individual, mas um resultado de processos de vivências sociais entre sujeitos. Segundo Bastos (2011a):

As representações sobre as coisas que compõem o mundo das ideias são construídas culturalmente num processo dialético em que aparecem as representações individuais que são compartilhadas no coletivo, e as construções coletivas que são apreendidas de forma individual/ particular por cada sujeito. Neste processo de captar o sentido do mundo e compartilhar o sentido próprio com o outro, a linguagem ganha destaque como algo já constituído e também como um processo em construção que provoca a existência do laço social. (p. 274).

Então, se a pessoa surda se utiliza de outra língua, no caso libras, para se comunicar, ou, na maioria das vezes, não internaliza nenhuma língua, pois convivem com ouvintes que impõem a língua portuguesa e às vezes tem pouco contato com a libras, daí surge as dificuldades de interação, de criação de vínculo social com a comunidade ouvinte, impossibilitando compreender sua cultura, enfim se identificar e desenvolver o sentido de pertinência a essa comunidade.

Ao longo do tempo, os sujeitos surdos foram submetidos a várias metodologias e estratégias de ensino em que, cada uma, a seu tempo, teve a sua importância. Baseada em Goldfeld (2002), o quadro 02 demonstra os objetivos e princípios norteadores da cada uma delas.

Quadro 04: filosofias de ensino para o surdo: objetivos e princípios.

	Filosofias educacionais		
	Oralismo	Comunicação total	Bilinguismo
Objetivo principal	Integra o surdo à comunidade geral, ensinando a língua oral de seu país.	Amplia a compreensão sobre o sujeito surdo e surdez, priorizando a comunicação, visando aproximar e facilitar a comunicação entre sujeito surdo e família ouvinte.	Expor o sujeito surdo à língua de sinais como primeira língua e a língua de seu país como segunda língua, para que o mesmo se desenvolva linguisticamente e cognitivamente sem dificuldades.
Princípios norteadores	- o aprendizado é artificial, sistemático. - não garante o pleno desenvolvimento do sujeito surdo e nem sua integração à comunidade ouvinte. - apenas o domínio da língua oral não possibilita a equiparação entre pessoas surdas e ouvintes. - utiliza um conceito simplista de língua, como um conjunto de regras abstratas que tem como função a comunicação. - não leva em consideração que o processo de internalização da língua oral, onde se desenvolve o pensamento e a cognição, é diferente para o sujeito surdo, em comparação ao ouvinte. - o sujeito surdo tem dificuldade de construir um sistema conceitual hierárquico, abstrato, por falta da interação em uma comunidade linguística e cultural.	- iniciou um processo de aceitação do uso de códigos espaço-viso-manuais, como o português sinalizado, os sinais que representam fonemas, letras (alfabeto manual) ou ainda gestos espontâneos que não caracterizam uma língua, com o objetivo facilitar a aprendizagem da língua oral. - considera o surdo uma pessoa capaz e a surdez, um estigma criado nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo. - deseja garantir uma relação dialógica entre a criança surda, sua família ouvinte e a sociedade em geral. - defende que não é imprescindível a aquisição plena da libras. - não valoriza a língua de sinais e a cultura surda. Ou seja, valoriza a comunicação e a interação entre surdos e ouvintes, mas não necessariamente por meio do uso da libras e como instrumento cultural do surdo.	- defende que somente pela exposição à língua de sinais, o sujeito surdo poderá adquirir linguagem. - o sujeito surdo adquire a língua de sinais da mesma forma e na mesma velocidade que o ouvinte adquire a língua oral, evitando qualquer dano cognitivo ou emocional que possa decorrer do atraso de linguagem. - a convivência do sujeito surdo com as culturas surda e ouvinte, o tornará um indivíduo bicultural. - permite a aquisição de linguagem em idade semelhante à que as crianças ouvintes evitando perdas em nível de percepção, generalização, formação de conceitos, atenção, memória, na evolução das brincadeiras e também na educação escolar. - defende que as famílias das crianças surdas devem aprender a língua de sinais, mesmo sabendo que esse aprendizado é difícil e longo. - considera importante a separação das línguas, ou seja, os pais devem falar em português ou em língua de sinais com seus filhos, separadamente.

Fonte: Goldfeld, 2002.

As três filosofias educacionais defendem diferentes pontos de vista da aquisição da linguagem pelo sujeito surdo. O oralismo deseja reabilitar o surdo para que pense, aja e fale como o ouvinte, esquecendo-se de observar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais desse sujeito; a comunicação total se preocupa com esses aspectos, e tenta criar uma forma de comunicação utilizando todos e quaisquer recursos, como a oralização, os gestos naturais e alguns sinais naturais, contanto que o sujeito consiga se comunicar de forma aceitável, mas não reconhece a língua de sinais como língua natural do surdo. Já o bilinguismo, defende que o surdo não precisa ser igual ao ouvinte, é necessário que respeite sua língua e sua cultura.

Então percebo cada filosofia tem seu lugar no tempo e na história, o que vemos é uma progressão na compreensão e aceitação da condição do sujeito surdo que busca seu lugar numa sociedade de maioria ouvinte.

A respeito do bilinguismo, Goldfeld (2002) afirma que:

O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. Isto não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, este aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como o único objetivo educacional do surdo nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez. (GOLDFELD, 2002, p. 43).

Então, o desenvolvimento da língua oral no sujeito surdo tem como intenção “normalizar” o surdo, dando maior oportunidade de inserção e interação com os ouvintes, deve ser apenas uma possibilidade, não uma regra, é claro que devemos possibilitar ao sujeito surdo a apropriação da língua portuguesa, especialmente na modalidade escrita, partindo primeiramente da aprendizagem da libras, oferecendo um ensino com qualidade, respeitando sua diferença linguística, cultural, inclusive as diferença entre os próprios surdos, pois eles não são todos iguais, nem aprendem tudo igual, como acontece também com os ouvintes. Cada ser é único e tem formas de aprender únicas também.

Capovilla (2006) nos informa que por meio do Programa Nacional de Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem de Surdos, já avaliou mais de 9.200 alunos surdos de 6 a 40 anos de idade, da educação infantil até o final do ensino superior, de 15 Estados brasileiros.

Observando as competências de leitura alfabética, compreensão de textos, leitura orofacial, vocabulário de escrita, qualidade ortográfica da escrita, vocabulário em português por leitura orofacial, vocabulário em Libras. E a referida pesquisa tem revelado que:

o desenvolvimento cognitivo e linguístico desses escolares é fruto da interação entre as suas características pessoais e as do sistema de ensino. Mais especificamente, que alunos com perda auditiva pré-lingual profunda desenvolvem-se melhor em ensino bilíngue ministrado em Libras por professores especializados e em meio a uma comunidade de colegas igualmente surdos; ao passo que alunos com perda auditiva pós-lingual ou menos que severa (ou com bom desempenho auditivo devido a próteses auditivas) desenvolvem-se melhor em ensino monolíngue ministrado em Português em meio a alunos ouvintes em escolas comuns. (CAPOVILLA, 2006, p. 201).

A partir dos resultados dessa pesquisa, fica claro que, dependendo da intensidade da perda auditiva, há indicações de formas de aprendizagem diferenciadas, sejam por linguas orais ou sinalizadas. Sobre isso, o autor afirma que:

Nas escolas bilíngues, elas desenvolvem tanto as competências pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita alfabéticas, que permitirão a compreensão do conteúdo escolar, como a leitura orofacial, que possibilitará a inclusão social. Conforme os resultados mostram, é ingênuo acreditar que o AEE (Atendimento Educacional Especializado) vá conseguir substituir a escola bilíngue. O lugar é uma comunidade escolar sinalizadora que permite o desenvolvimento da língua natural (que é a Libras) aos surdos brasileiros, desde a educação infantil. (http://www.ip.usp.br/lance/reportagens/revista_espaco_aberto_editora_paulus.pdf em 03/05/2012).

Então, a escola deve estar atenta para atender a todos e a cada um, dentro das suas necessidades e perspectivas educacionais, para que o sujeito surdo possa se apropriar de uma aprendizagem significativa, por meio da língua que domine, seja ela a libras, ou a língua portuguesa. E a escola bilíngue no momento é a melhor opção.

Giordan (2005, p.60) afirma que,... “é pela mediação da oralidade e da escrita que ocorre não apenas a maioria, mas também as principais e mais significativas ações humanas”.

Então, tomando por base essa centralidade da linguagem verbal nas ações humanas, questiono como o sujeito surdo, não dominante dessa oralidade, pode se posicionar como ser social, como pode se apropriar dessa cultura oral, se não forem disponibilizadas a eles, condições de acesso a uma forma de comunicação própria, no caso, por meio da língua se sinais, aliado a outras formas comunicacionais.

Hoje vivenciamos a era da comunicação e da informação sob o império da cultura audiovisual. Através de meios altamente desenvolvidos de transmissão de imagens e sons, que trouxe benefícios através de uma linguagem comunicacional visual abrangente, e facilitou à pessoa com surdez um contato maior com processo de escrita, oferecendo algumas condições essenciais para que a pessoa surda se apodere das competências e habilidades exigidas na nova perspectiva de mercado de trabalho, como também melhoria na qualidade de sua comunicação escrita e, por conseguinte, sua inclusão social.

Refletindo sobre como fomentar novos espaços interativos que possibilite melhoria na educação e comunicação dos surdos, nos questionamos: qual o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação e em especial das redes sociais digitais nesse contexto educacional inclusivo?

CAPÍTULO II

REDES SOCIAIS DIGITAIS: ESPAÇO INTERATIVO NA EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

Para as pessoas sem deficiência, a tecnologia torna as coisas fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis.

Radabaugh

Nesse capítulo abordarei aspectos da tecnologia que podem intervir na comunicação do sujeito surdo, qual a importância da alfabetização digital e mostrarei alguns exemplos de tecnologia assistiva que possibilita mais qualidade na aprendizagem, socialização e interação do sujeito surdo, como também discuto sobre as políticas de inclusão, acessibilidade e usabilidade, finalizando com um apanhado geral sobre o facebook como espaço virtual de socialização.

1.1 A tecnologia intervindo na comunicação do sujeito surdo

A Internet surgiu como uma mídia aberta e descentralizada. A distância geográfica e o tempo tornam-se fatores subjetivos. Ela permite acesso cultural, ideológico e tecnológico. A comunicação através da internet é cada vez mais sensorial e multidimensional, um espaço amplo de socialização, abertos à observação e participação, e nos proporciona um ambiente rico, seja nos fóruns de discussões, nas redes sociais, nos sites de relacionamento, entre outros.

O uso da internet, quando integrada em um contexto estrutural, proporciona um processo de comunicação aberto, de participação interpessoal e grupal efetivos. É um espaço público, aparentemente sem fronteiras, onde se formam grupos, comunidades, em torno de qualquer assunto, onde as práticas sociais se desenvolvem, e aí se incluem a comunidade surda entre outras, que vê nesse ambiente um espaço de igualdade na diferença, um espaço que pode ser um meio para sua inserção comunicacional no mundo ouvinte. Castells (1999) corrobora essa ideia quando firma que: “O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais.” (1999, pp.460).

A partir do advento da internet, novas formas de codificação do saber foram postas em jogo. Segundo Pierre Lévy (1992), o modelo de pesquisa e troca de conhecimento passa a ser mais interativo e imediato o que nos leva a pensar sobre a

necessidade de rever o modelo tradicional de escola. A internet hoje tem um papel fundamental em muitos aspectos do nosso cotidiano, transformando a forma como vemos e apreendemos o mundo, e nossa relação com o saber.

As tecnologias da informação e comunicação (TIC), sempre em expansão, trouxeram novos suportes e linguagens comunicativas, como o vídeo, a televisão, os celulares (com mensagens de texto), o correio eletrônico, entre outros, proporcionando diversas oportunidades de comunicação do surdo, em especial, por meio da internet, elevando o desejo do surdo em apropriar-se da escrita, pois a sociedade informatizada exige competências múltiplas, habilidades para trabalhar em grupo, e capacidade de se adequar a novas situações.

Nesse sentido, Lévy (1992, p.145) chama a atenção para o fato de que: “Não há mais sujeito ou substância pensante, nem “material”, nem “espiritual”. O pensamento se dá em uma rede na qual, neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistema de escrita e computadores se interconectam, transformam e traduzem representações.” Compreendemos então, que no meio cultural, as cognições, atitudes e ideias partem da construção do coletivo e não do indivíduo, e nos meios tecnológicos inteligentes fazem a simbiose entre o homem e a máquina. Mas devo admitir que não concordo totalmente com o autor, pois o ser humano é essencialmente pensante, mesmo com essa interconectividade, o pensamento é individual e depois compartilhado, podendo sim colaborar na construção do coletivo.

Então, refletindo sobre a inclusão tecnológica, e nesses novos parâmetros trazidos pela presença das TIC no ambiente social, é imprescindível que criemos um ambiente inclusivo que suscite desafios e reflexões. As conexões entre os indivíduos na sociedade são comumente referidas como laços sociais. Esse laço é, portanto, constituído de interações, trocas que são estabelecidas através da conversa, do agir no espaço social. Castells (1999, p.443) diz que, (...) as comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da internet, e afirma que:

A vantagem da rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação... os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do autoconhecimento... De fato, a comunicação on-line incentiva discussões desinibidas, permitindo assim, a sinceridade. (CASTELLS, 1999, p. 445).

Analiso como vantagem porque que esses grupos sociais que povoam a internet podem ser para o surdo, motivadores da comunicação em seu sentido mais amplo, essa criação de laços fracos, com relações sociais mais superficiais, permite uma maior abrangência comunicacional, por meio de espaços de discussão e sociabilidade, mesmo que esses laços se dissolvam facilmente, podendo gerar algum isolamento, principalmente por terem pouco ou nenhum acesso à língua oral e porque suscita no surdo o desejo de mostrar sua capacidade de comunicar-se através do português escrito, para se sentirem inclusos, aceitos, nas redes sociais digitais que participam.

Para Galvão Filho,

Novas realidades e novos paradigmas emergem na sociedade humana, nos dias de hoje. Uma sociedade mais permeável à diversidade questiona seus mecanismos de segregação e vislumbra novos caminhos de inclusão social da pessoa com deficiência. Este fato tem estimulado e fomentado novas pesquisas, inclusive com a apropriação dos acelerados avanços tecnológicos disponíveis na atualidade. A presença crescente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) aponta para diferentes formas de relacionamento com o conhecimento e sua construção, assim como novas concepções e possibilidades pedagógicas. (Galvão Filho, 2008, p. 25)

As TIC favorecem ao desenvolvimento cultural e aquisição de informações, estimulando a capacidade de criação e superação de limites, estabelecendo novas possibilidades de conhecimento e comunicação. Resgato então, Vygotsky que foi um defensor da diversidade e que preconizou o papel do social no processo de aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo.

A sociedade atual nos exige novas competências, especificamente o conhecimento tecnológico, para que possamos estar presente nesse mundo virtual, incluso digitalmente e esse processo de inclusão visa promover aos indivíduos o acesso e a utilização dos recursos das Tecnologias de Informação e Comunicação de forma eficiente e benéfica. Para Lucas (2000, p.161)

...a exclusão digital é mais uma barreira socioeconômica entre indivíduos, famílias, empresas e regiões geográficas, a qual decorre da desigualdade quanto ao acesso e uso das tecnologias da informação e comunicação, hoje simbolizadas na Internet. Apontam-se como benefícios da extensão da cidadania para os digitalmente excluídos, a possível melhoria das condições de educação, saúde, oportunidades econômicas e participação democrática na administração pública (LUCAS, 2000 p.161).

Entendo então que as TIC ainda estão distantes da maior parte da população do mundo, apesar de sua velocidade de expansão. Convivemos com a disparidade entre uma parcelada população mais provida economicamente imersa em um complexo de redes digitais, e outra parcela considerável da população sem nenhum ou um parco acesso às tecnologias da informação e comunicação.

Baseada em Silva (2009), dentre muitos fatores que impedem ou dificultam a inclusão digital, podemos citar a exclusão social, (infoexclusão); as condições de pobreza da população; o domínio mínimo para o manuseio do computador e dos recursos da Internet; a necessidade de criação de políticas públicas que ofereça soluções que atendam à diversidade; é necessária a adequação de equipamentos, criação de softwares específicos, que proporcione a acessibilidade das pessoas com deficiência.

A infoexclusão é uma forma de exclusão onde as dificuldades de acesso às TIC, a desigualdade tecnológica e o acesso ao conhecimento, acarreta a exclusão digital, ou seja, ela impede a maior parte das pessoas de participar dos benefícios trazidos pelas TIC. Nesse contexto, a infoinclusão, seria a implementação de ações eficazes objetivando permitir à sociedade globalizada, o acesso aos recursos tecnológicos, ao conhecimento, à informação e à aprendizagem, nessa nova realidade social e digital. Vale ressaltar que a exclusão digital não tem uma relação direta exclusão social, pois nem todos os excluídos digitalmente também são excluídos economicamente, mas a exclusão econômica pode levar a uma exclusão digital, e o economicamente incluído pode ser um excluído digital.

Numa política de infoinclusão, há outros fatores, além do econômico que podem levar à infoinclusão, como: resistências ao uso das TIC, o idioma e também as pessoas com deficiência, onde as TIC podem representar um novo leque de possibilidades de expressão e inserção social, por meio de desenvolvimento de tecnologias específicas adequadas às suas necessidades, sejam elas físicas, visuais, auditivas, mentais ou outras, e o acesso facilitado a estas soluções e serviços.

Nesta perspectiva, entendo que o conhecimento das novas tecnologias é uma forma de inclusão social porque, apesar da relativa democratização dos suportes informáticos que facilitam o acesso à informação, percebo que grupos de pessoas como: idosos, com deficiência, analfabeto tecnológico, com limitações econômicas ou em situação social marginal, ficam de fora da atual sociedade digital, portanto, também fora do mercado de trabalho.

Fazendo um comparativo da influência das TIC na aprendizagem, temos:

Quadro 05: Influência das TIC na aprendizagem

APRENDIZAGEM TRADICIONAL	APRENDIZAGEM COM AS TICS
Instrução centrada no professor/ Estimulação	Aprendizagem centrada no aluno
Unissensorial	Estimulação multisensorial
Progressão unidirecional	Progressão multidirecional
Única mídia	Multimídia
Trabalho isolado	Trabalho colaborativo
Informação fornecida	Troca de informação
Aprendizagem passiva	Aprendizagem ativa/ exploratória/ inquisitiva
Aprendizagem por aquisição de informações	Pensamento crítico/ tomada de decisões
Reação de responsividade	Ação planejada, integrativa, por iniciativa.

Fonte: Tecnologia Assistiva nas Escolas/2008

Analizando o quadro acima, percebemos o quanto o acesso às TIC pode colaborar para um ensino mais inclusivo. Pensar em exclusão digital, não é só pensar na falta ou exiguidade de equipamentos ou tecnologia de informação e comunicação acessíveis, mas de perceber todo um processo de exclusão social, econômica e cultural.

De acordo com Silva (2009, p. 76), a esse excluído é negada a oportunidade de aprender a selecionar conteúdos, interferir, armazenar, imprimir, enviar, enfim, tratar a informação como espaço de manipulação e de negociação.

O referido autor ainda ressalta a necessidade do combate à infoexclusão:

O combate à infoexclusão não deve limitar-se ao amplo acesso ao computador conectado à internet [...] mas à qualificação dos usuários para a não subutilização das tecnologias digitais interativas, bem como para a participação criativa e colaborativa no universo *on-line* [...] não basta ter acesso às tecnologias digitais *on-line*. É preciso saber operá-la não mais como um receptor de mídia clássica. A internet é uma mídia interativa, em que somos espectadores e participantes ao mesmo tempo. (SILVA, 2009, p. 76):

Com base nessas afirmações, a educação na sociedade da informação e na cibercultura supõe ou exige uma atitude comunicacional não mais centrada na lógica da distribuição de informações, já que inclusão digital é mais que acesso livre à conectividade *on-line* e *off-line*, a educação necessita promover a formação do cidadão no ciberespaço,

apresentando um ambiente comunicacional capaz de receber a geração digital, e orientá-los para uma construção coletiva.

1.2 Alfabetização digital e tecnologia assistiva: políticas de inclusão / acessibilidade / usabilidade

Considerando a intrínseca relação entre surdez e comunicação, podemos avaliar a importância que subjaz dos sistemas verbais e não verbais para os sujeitos surdos. Interagir e perceber nas diversas formas de comunicação, seja por meio de noticiários, filmes, palestras, apresentações, torna-se um exercício muito complexo, pois dependem do sujeito ouvinte para repassar as informações, que raramente chegam de maneira pura, dando oportunidade de o próprio surdo processar e interagir com a informação. Mesmos os surdos que dominam a libras, sentem essa dificuldade, por ainda não ter compreensão de nuances da língua portuguesa, só percebida por quem ouve, como significados dado pela entonação da voz, por exemplo.

Nesse contexto comunicacional, percebo a premente necessidade de desenvolver ambientes virtuais com acessibilidade para sujeitos surdos, que tem uma forma de leitura diferenciada da dos ouvintes. Embora eu perceba que a internet em si é inclusiva, do ponto de vista do paradigma da “cultura surda”, ela é excludente, pois é feita de pessoas ouvintes, e na maioria das vezes o sujeito surdo não encontra acessibilidade.

Refletindo sobre a acessibilidade tecnológica para o sujeito surdo, entendo que a interatividade é um ponto muito forte, e é uma das características da tecnologia digital, ou seja, a condição de atingir os usuários e ter um retorno imediato. Mas para alcançarmos esse ideal temos que compreender alguns conceitos básicos contidos no Decreto nº 5.296 (de 02 de dezembro de 2004), em seu Art. 8º, são eles:

...acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida; [...].

...ajuda técnica: os produtos, instrumentos, equipamentos ou tecnologia adaptados ou especialmente projetados para melhorar a funcionalidade da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a autonomia pessoal, total ou assistida; [...].

...desenho universal: concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade.

Então, compreendo que acessibilidade é promover o direito de liberdade, escolha e autonomia. Direcionando o foco para a pessoa surda, o Art.49 define as adaptações necessárias para o acesso à comunicação e informação para as pessoas surdas como ações relativas à oferta de telefones adaptados, para uso público e privado; a garantia de disponibilidade, em todo o território nacional, de centrais de intermediação de comunicação telefônica em tempo integral; a garantia, por parte das operadoras de telefonia móvel, da possibilidade de envio de mensagens de textos entre celulares de diferentes empresas; além da garantia de utilização de legenda oculta e/ou da janela com intérprete de Libras em programas televisivos e pronunciamentos oficiais.

Apesar de importantes, tais medidas se fundamentam na compreensão de que o surdo pode acessar livremente diversas páginas na Web que contenham textos, vídeos e imagens, desde que seguidos por legendas explicativas. No entanto, essa compreensão, apesar de ser um avanço, pode não ser suficiente para atender plenamente os princípios da acessibilidade, pois é necessário levar em consideração as características linguísticas da pessoa surda, usuária da libras.

É fato que já temos uma variedade de materiais que são disponibilizados em diversos sites educacionais, no entanto, esses serviços ainda são deficitários, como por exemplo, a legendagem e janela em LS, que não é oferecida em toda a programação, sejam na televisão, no cinema ou sites da internet.

Acessibilidade na internet representa não só o direito de acessar a rede de informações, mas também o direito de eliminar barreiras arquitetônicas, de disponibilidade de comunicação, de acesso físico, de equipamentos e programas adequados, de conteúdo e apresentação da informação em formatos alternativos por meio da Tecnologia Assistiva (TA).

Conforme o Comitê de Ajudas Técnicas da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) O conceito de TA nos últimos anos sofreu modificações devido à abrangência e importância desta área para a garantia da inclusão da pessoa com deficiência.

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas

com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (Comitê de Ajudas Técnicas, Corde/SEDH/PR, 2007).

Partindo desse conceito, podemos perceber seis áreas de atuação da acessibilidade:

- Arquitetônica: elimina barreiras em todos os ambientes físicos (internos e externos) da escola, incluindo o transporte escolar;
- Comunicacional: transpõe obstáculos em todos os âmbitos da comunicação, considerada nas suas diferentes formas (falada, escrita, gestual, língua de sinais, digital, entre outras);
- Metodológica: facilita o acesso ao conteúdo programático oferecido pelas escolas, ampliando estratégias para ações na comunidade e na família, favorecendo a inclusão;
- Instrumental: possibilita a acessibilidade em todos os instrumentos, utensílios e equipamentos, utilizados na escola, nas atividades de vida diária, no lazer e recreação;
- Programática: combate o preconceito e a discriminação em todas as normas, programas, legislação em geral que impeçam o acesso a todos os recursos oferecidos pela sociedade, promovendo a inclusão e a equiparação de oportunidade;
- Atitudinal: extingue todos os tipos de atitudes preconceituosas que impeçam o pleno desenvolvimento das potencialidades da pessoa com deficiência. (Comitê de Ajudas Técnicas, Corde/SEDH/PR, 2007).

As acessibilidades instrumentais e comunicacionais são as que mais afetam a pessoa com surdez no seu acesso ao conhecimento. A comunicação mediada é prioridade para seu aprendizado. Essa mediação acontece por meio da interação entre pessoas, ou de recursos que viabilize sua acessibilidade nos contextos social, escolar e familiar que está inserido.

Dentro dessa compreensão, entendo que os recursos da TA podem proporcionar à pessoa com deficiência uma vida mais autônoma, sendo mediadora da inserção da pessoa com deficiência na sociedade.

No que diz respeito à inclusão na web, é importante que se entenda outro conceito que complementa e orienta como promover essa acessibilidade: a usabilidade.

Conforme a cartilha de usabilidade produzida pelo Portal do Projeto Padrões Brasil e-gov, para promover a usabilidade (segundo norma da International Organization for Standardization (ISO, N° 9241-11), Guidance on usability (1998), é a capacidade de um produto ser utilizado por indivíduos em busca de atingir objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação), o ponto de partida é pensar na necessidade do usuário, ou seja, cada pessoa que utiliza o objeto, que são as

páginas da web, por meio de uma interface, para acessar informações e serviços disponibilizados eletronicamente. Então, a interface é o meio pelo qual a pessoa intervém, dialoga ou modifica o site. E essa interface deve estar acessível para que diferentes usuários, com diferentes valores, cultura e nível de escolaridade possam utilizar o sistema.

Para desenvolver os ambientes virtuais sob o princípio da usabilidade, para a pessoa com surdez, é necessário ter em perspectiva alguns parâmetros, como:

- universalidade da linguagem;
- pedagogia bilíngue;
- linguagem contendo imagens gráficas;
- vídeos com legendas e Língua de Sinais juntamente com os conteúdos textuais escritos;

- navegabilidade;

- layout de tela;

carga cognitiva, que consiste em um conjunto universal de princípios que norteiam o desenvolvimento e customização de ambientes virtuais potencializadores do processo de cognição humana, tendo como principal objetivo simplificar e facilitar a usabilidade do sistema, viabilizando a interação humana com a tecnologia.

- legibilidade;

- clareza;

- rastreabilidade;

- interatividade e afetividade;

- nível alto de iconicidade;

-ferramentas síncronas, como webconferências e chats e ferramentas assíncronas, como fóruns e envio de e-mails.

Se realmente aos ambientes virtuais forem pensados observando esses parâmetros, poderão promover muito mais do que o acesso à informação, permitirão a aprendizagem em rede. Conforme diz Santaella (2004, p.184) “navegar significa movimentar-se física e mentalmente em uma miríade de signos”. Então, quando o surdo acessar a internet, irá experimentar uma navegação mais fluida, que terá a real significação da informação e do conhecimento, principalmente se tiver esse acesso por meio de sua língua, o que será fundamental no processo de transformação das relações sociais que se constituem no ciberespaço.

Para as pessoas com deficiência auditiva ou surdez, foram desenvolvidos ou estão em fase de desenvolvimento, alguns softwares que possibilitam a comunicação e a inclusão em um ambiente digital.

Abaixo, serão listadas algumas tecnologias digitais que tem como proposta garantir a acessibilidade comunicacional para o sujeito surdo:

Tradutores eletrônicos de libras

Software Player Rybená - Um programa tradutor de Libras, uma tecnologia desenvolvida pelo Centro de Tecnologia de *Software* (CTS) e Java Users Group no Programa Javas-Brasília (DFJUG), que objetiva criar mecanismos para que as pessoas surdas possam interagir com as pessoas em contextos diferenciados. Ele permite condições de acesso a serviços públicos e privados, o acesso a sites, e o uso de telefonia celular com tradutor em Libras e tradução em tempo real de textos das páginas da Internet.



Figura 01- Software Player Rybená

Fonte: http://www.senado.gov.br/portaldoservidor/jornal/jornal69/senado_rybena.aspx

Software VE-LIBRAS - software inédito no mercado que converte a fala e escrita em português para libras, ainda é um protótipo. De acordo com a engenheira de computação, o programa funciona de forma simples: o software grava o som de uma pessoa falando na língua portuguesa e, mediante a um processo de reconhecimento de voz, torna possível a conversão da fala em texto.

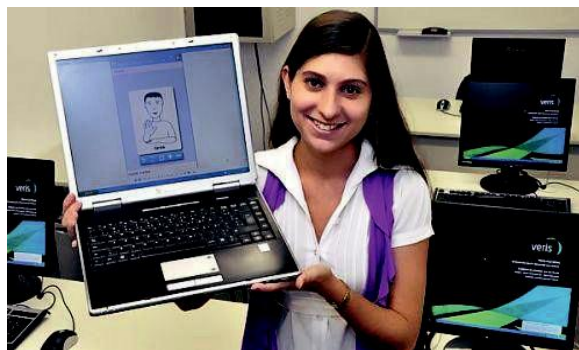


Figura 02 - Software VE-LIBRAS

Fonte: <http://www.bhlegal.net/blog/ve-libras-software-livre-traduz-fala-e-escrita-para-a-lingua-de-sinais/>

Software ProDeaf- aplicativo lançado pela empresa pernambucana de mesmo nome que faz a tradução para Libras de textos e áudios em português, em tempo real. O aplicativo é gratuito e tem 1.200 sinais em Libras, mas pode receber novas informações do próprio usuário. Tem um editor que cadastra novos sinais.



Figura 03: Software ProDeaf

Fonte: blogs.estadao.com.br/vencer-limites/aplicativo-traduz-textos-e-audios-em-portugues-para-libras/

DVDs interativos

Aulas temáticas - Este programa destina-se ao ensino de palavras em Libras. Não envolve palavras da língua portuguesa. Abrange diversos temas como: frutas, profissões, animais, cidade, utensílios domésticos, cores, verbos, família dentre outros. Não utiliza animações 2D, que podem demonstrar sinais distorcidos.



Figura 04 - DVD interativo Aulas temáticas Fonte: <http://www.dicionariolibras.com.br/>

Jogos de Bingo - Todos os temas em Libras com legenda em cinco línguas (port./ingles/Frances/italiano/espanhol) e SignWrite. As ilustrações, a legenda e a relação das palavras sorteadas podem ou não ficar ocultas, conforme a conveniência do momento. Nos quadradinhos das cartelas, há os desenhos correspondentes ao sinal Libras. Os sinais aparecem de forma aleatória e são impossíveis de serem manipulados.



Figura 05 - DVD interativo Jogos de bingo Fonte: <http://www.dicionariolibras.com.br/>

Medidas de áreas e libras - Este é um entre muitos outros programas destinados ao ensino da matemática. Há outros similares, voltados para o ensino de português, geografia, história, meteorologia e outros tantos temas. Neste caso, a pergunta é feita em Libras, a legenda poderá ser desabilitada, obrigando ao aluno a interpretar os sinais em Libras. As ilustrações, as perguntas e o contexto em geral ajudam no rápido entendimento do que se está sinalizando.



Figura 06 - DVD interativo Medidas de áreas e libras Fonte: <http://www.dicionariolibras.com.br/>

Redes sociais digitais

Plataformas acessíveis e interfaces visuais - conjunto de ferramentas que oportunizam ao homem contemporâneo uma efetiva participação em espaços sociocognitivos visando a modelagem de tempos e espaços digitais maleáveis e ajustáveis às necessidades dos indivíduos.



Figura 07 - Plataformas acessíveis e interfaces visuais

Fonte: <http://www.agenciabamboo.com.br/blog/redes-sociais/facebook-e-rede-mais-concentra-publicidade-brasil>

Legendas tipo *close caption offline e on line*;

Closed Caption - legenda oculta foi concebida para permitir aos surdos e pessoas com dificuldades auditivas o acesso a programas, comerciais e filmes veiculados na televisão e em vídeo. A legenda oculta funciona como o áudio do programa e através dela são passadas as informações literais e não literais. Existem duas formas de legendagem oculta: a on-line, feita em tempo real através de estenotipia ou software de reconhecimento de voz, e a off-line, pós- produzida em programas gravados, utilizando computadores com softwares específicos. As diferenças entre on-line e off-line é que na primeira apenas as informações literais são descritas na legenda, e na off-line, o aproveitamento do tempo, o posicionamento das legendas e as informações não literais (ruídos, trilha sonora, indicação do falante, etc...) também são descritos na legenda.



Figura 08 - Closed Caption

Fonte: <http://www.stncaption.com.br/closed-caption-online.php>

• **Janela em língua de sinais:**

Tecnologias de produção de vídeos com conteúdos em libras que podem ser disponibilizados em livros eletrônicos, cursos e em sítios eletrônicos na internet.



Figura 09- Janela em língua de sinais

Fonte http://www.tce.ms.gov.br/portal/lista_noticias/detalhes/192773

Dicionário de libras

Você escolhe uma palavra e procura pela inicial o seu significado, a demonstração em vídeo, exemplos de uso dessa palavra, a classe gramatical e o sinal feito com a mão.



Figura 10 – Dicionário de libras

Fonte: <http://coisasquegosto.com/2008/03/09/lingua-brasileira-de-sinais-libras-online/>

Dispositivos portáteis multimídias (PDAs)

Equipados para reproduzirem vídeos com conteúdos em língua de sinais e legendas disponíveis.



Figura 11 - Dispositivos portáteis multimídias (PDAs)

Fonte: <http://pontocomteudo.com/2011/01/04/sistemas-operacionais-moveis-quais-as-diferencas-entre-eles/>

Óculos legenda para surdos

São óculos especiais, desenvolvidos pela Sony, nos quais é possível ler diretamente as legendas, podendo ser usados tanto para ver filmes 2D como 3D. Foi utilizada uma tecnologia holográfica única que resulta em legendas “brilhantes, claras e fáceis de ler” e que parecem “flutuar” nas lentes, sendo estas transmitidas através de um rádio colocado no servidor digital do cinema. Os utilizadores podem escolher seis idiomas diferentes, dependendo das que estiverem disponíveis no próprio cinema. Em alternativa às legendas, o receptor da informação pode também ser ligado conectores de áudio que transmitam som de apoio ou forneçam uma áudio-descrição da ação para deficientes visuais ou pessoas com problemas de visão.



Figura 12 - Óculos legenda para surdos Fonte:http://www.pontosdevista.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=3585:oculos-inovadores-com-legendas-para-surdos&catid=65:tecnologia-internacional&Itemid=98.em 17/01/2013

Luva que converte Libras em som para facilitar comunicação

Desenvolvida por três estudantes ucranianos, ainda é um protótipo, a luva tem 15 sensores de flexão, um giroscópio e um acelerômetro, e é capaz de “ler” os sinais feitos pela mão que a usa e convertê-los em sons, facilitando a comunicação das pessoas com deficiência auditiva com aqueles que não sabem Libras. A leitura da luva é enviada, via Bluetooth, para um aplicativo de celular que, por meio de um software da Microsoft, codifica a mensagem e a transmite em forma de som. A luva possui um pequeno painel solar, que permite recarregá-la com energia limpa e também tem uma entrada USB para encher a bateria mais rapidamente, em algum computador.



Figura 13 - Luva que converte Libras em som Fonte:http://vidamaislivre.com.br/noticias/noticia.php?id=5888&%2Fluva_converte_libras_em_som_para_facilita_r_comunicacao. Em 02/02/2012.

Percebemos então que existem várias opções de tecnologias digitais, que podem ser utilizados na educação como recursos pedagógicos para favorecer a aprendizagem, e a tecnologia assistiva é voltada especificamente para viabilizar essa acessibilidade.

O desafio então é disseminar e compartilhar o conhecimento e utilização dessa tecnologia, que permite explorar novas formas comunicacionais que surgem por meio do desenvolvimento tecnológico, e possibilita a formação de grupos sociais reunidos graças às possibilidade comunicacionais proporcionadas, gerando interação e socialização.

A seguir faço uma descrição das redes sociais digitais e apresento alguns dados do facebook no Brasil e em Sergipe, que podem nos situar sobre a importância dessa rede atualmente como espaço de socialização.

1.3 Redes Sociais Digitais: espaços virtuais de socialização

A internet por meio de seus ambientes e ferramentas propicia importantes espaços de relações sociais, que é a característica mais contundente da sociedade influenciada pela tecnologia. Estes espaços são definidos como sites de redes sociais digitais, a exemplo do Facebook, que está se tornando importante espaço de organização e mobilização social com mais de 60 milhões de usuários no Brasil.

A rede social digital configura-se como uma estrutura social onde tanto pessoas quanto organizações podem se conectar a partir de diversas formas de relações, valores e/ou objetivos. Capra (2008), afirma que essas relações não tem um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade e é permanentemente mantido e renegociado pela rede de comunicações. Ou seja, para que o usuário dessas redes possa

aderir a uma determinada conexão, necessita compartilhar, identificar um objetivo, valor ou conhecimento. Os limites das redes não são limites de separação, mas limites de identidade.

Pensando a educação como processo permanente de aprendizagem, considero que os sistemas educacionais não podem descartar nenhuma das interfaces que a era digital nos oferece. Entendo então, que as redes sociais digitais podem ser de muita ajuda para esse sistema. A produção colaborativa é um dos pilares da nossa sociedade, o aprendizado com liberdade é fundamental para se viver em sociedades mais justas, incluídas, abertas e igualitárias. Os espaços virtuais podem ser um ambiente de construção de identidade quando possibilitam criar e desenvolver um conjunto de marcas identitárias onde se é utilizada uma linguagem própria, uma construção de normas e regras sociais, entre muitos outros aspectos.

Como me propus nessa pesquisa trabalhar com a rede social facebook, entendo que é importante conhecermos um pouco seu histórico e características.

2.3.1 Histórico e caracterização da rede social Facebook

O Facebook (FB) é uma rede social que foi lançada no ano de 2004, por Mark Zuckerberg, tendo como objetivo principal criar uma rápida comunicação entre os estudantes da Harvard que estavam cadastrados no sistema. Porém, o crescimento do Facebook fez com que os criadores expandissem o acesso para outras universidades americanas, a partir daí, a rede social não parou de crescer e hoje conta com aproximadamente 800 milhões de usuários cadastrados.

Conforme dados obtidos pelo site da empresa, o propósito do Facebook sempre foi permitir que as pessoas “se conectem e compartilhem” com amigos, parentes e conhecidos. Ao longo dos anos, ao se desenvolver de uma rede aberta apenas a universitários para um serviço com mais de 800 milhões de usuários, a empresa sempre tentou expandir seus recursos, encorajando usuários a compartilhar mais fotos, atualizações, links e música. Alguns dos mais recentes aplicativos disponíveis permitem que pessoas compartilhem automaticamente os artigos noticiosos que leem ou as canções que estejam ouvindo.

A posição do FB é de que as pessoas desejam compartilhar mais, e que a empresa lhes está fornecendo a plataforma de que precisam para isso. O executivo-chefe Mark Zuckerberg afirmou, em um post no blog da empresa: “Nós facilitamos as coisas para que as pessoas se sintam confortáveis ao compartilhar coisas sobre suas vidas reais”.

Como empresa de capital fechado cujo foco é criar tecnologia, adotou a

postura de que, quanto mais serviços oferecer, mais atrairá usuários. Quanto mais tempo as pessoas passarem em seu site e quanto mais informações compartilharem sobre si mesmas, mais fácil será para as empresas em direcionar sua publicidade. Quanto mais usuários o Facebook atrair, mais pessoas verão os anúncios, e maior será o faturamento publicitário.

Baseada nas informações obtidas no site www.ufsm.br/redevistadireito, O Facebook afirma que, ao desenvolver anúncios direcionados, não compartilha dados dos usuários com os anunciantes. Os endereços de e-mail e nomes de anunciantes são codificados e depois analisados de forma anônima. Os usuários podem optar por não receber anúncios de determinadas marcas em suas páginas, e podem optar por não receber quaisquer mensagens direcionadas recorrendo aos sites das empresas parceiras no programa de publicidade direcionada.

Existem duas formas de informações importantes dos usuários ligadas a publicidades direcionadas, são as informações cadastrais que dizem respeito às informações solicitadas e obrigatórias para fins de cadastro do futuro usuário do espaço do site, e as informações retiradas do perfil do usuário, e as preferências que se divide em “associativas” e “de navegação”. As associativas são aquelas retiradas das preferências do usuário, ou seja, aquelas ligadas às características das páginas que o usuário cadastra para receber atualizações ou se vincula, no caso o “curtir” no Facebook. Já as de navegação são extraídas engenhosamente pelas prestadoras de serviço, que se utilizam dos dados da navegação do usuário.

A compilação dos dados coletados cria um perfil do usuário, para os quais são enviadas as propagandas exploradas pelas redes sociais. Ou seja, as informações são utilizadas como “moeda de troca” por parte da rede social que oferta a informação dos usuários para empresas, com interesse em divulgar seus serviços/produtos e as mesmas direcionam sua publicidade pelo site com o uso das informações prestadas pelos usuários. Dessa forma estas empresas conseguem ofertar ao mercado de publicidade um serviço diferenciado trazendo para si o lucro. Agora trago alguns dados estatísticos sobre o Facebook no Brasil e em Sergipe.

2.3.1.1 Dados do Facebook no Brasil

As estatísticas do mês de abril de 2013 mostram que redes sociais Facebook penetração no Brasil é 83,98% em comparação com a população do país e 61,02% em relação ao número de usuários da Internet. O número total de usuários FB no Brasil está chegando a

66.522.420 e cresceu mais de 15.886.460 nos últimos seis meses.

Quadro 06: demonstrativo de usuários do Facebook no Brasil

Total de usuários do Facebook	66.552.420
Posição na lista	2º
Penetração da população	33,09%
Penetração da população on-line	83,98 %

Fonte: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>. Disponível em 04/04/2013.

Em relação à distribuição de idade do usuário no Facebook no Brasil, temos:

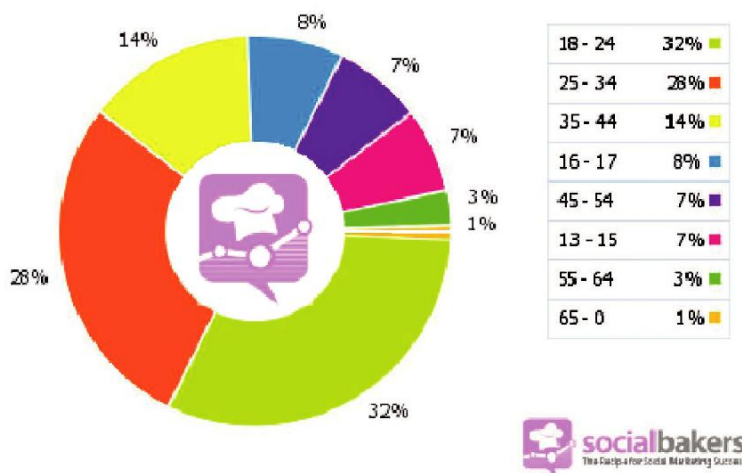


Gráfico 01: Distribuição de usuário por idade do Facebook no Brasil

Fonte: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>, Acesso em 04/04/2013.

O maior grupo de idade é atualmente de 18-24 com um total de 21.733.760 usuários, seguido pelos usuários na faixa etária de 25-34, sendo 46% do sexo masculino usuários e 54% dos usuários do sexo feminino no Brasil, em comparação com 45% e 55% nos Estados Unidos e 73% e 27% na Índia.

Em relação à distribuição dos usuários do Facebook por sexo no Brasil, temos 45% masculino e 54% feminino, conforme quadro abaixo.

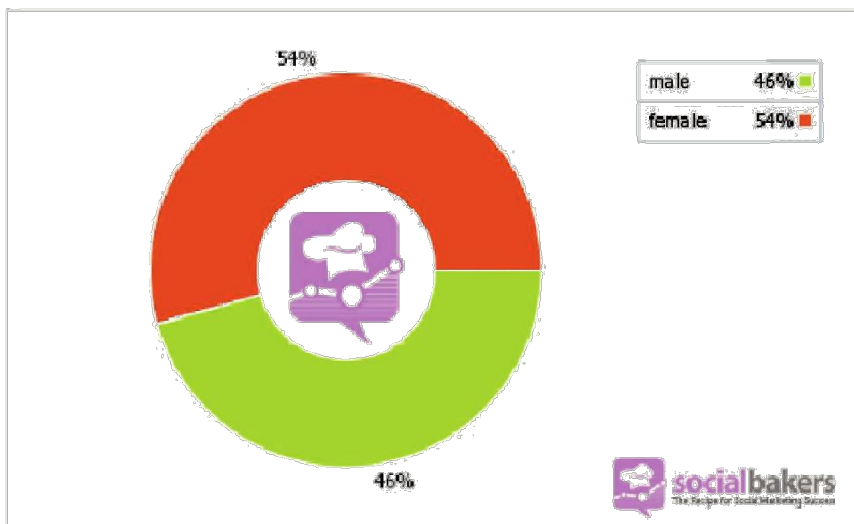


Gráfico 02: Distribuição de usuário por sexo do Facebook no Brasil

Fonte: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>, acesso em 03/04/2013.

O atrativo dessa rede é que além da tradicional busca por amigos através do nome e e-mail, o Facebook tem um sistema que ajuda a procurar quais dos seus contatos da lista de e-mail já estão na rede social, ou seja, seus contatos do e-mail que têm conta no Facebook aparecerão em uma lista como pessoas a serem adicionadas. Esse filtro facilita o processo de busca e ajuda os usuários a encontrarem amizades que há muito tempo não entravam em contato. Além das inúmeras ferramentas disponíveis como exibição de perfil, postagem de fotos e vídeos, divulgação de eventos, o Facebook ainda possui uma estratégia que permite anúncios de produtos no site de relacionamento.

Destaco algumas ferramentas disponíveis no Facebook com a descrição de uso:

- **Feed de Notícias**

No Feed de Notícias é possível acompanhar as atualizações de cada um dos seus amigos da rede social.

- **Mensagens**

A “página de recados” do Facebook. A opção se desdobra em Atualizações e Enviadas. Na primeira, é possível acompanhar as respostas dos seus amigos, e a segunda, permite listar todas as mensagens já enviadas por você. Ao clicar numa mensagem qualquer, é possível carregar uma nova interface, com a conversa na íntegra, com suas mensagens e as do contato exibidas em ordem.

- **Eventos**

Evento desdobra-se em outras opções: Eventos de amigos, Aniversários e Eventos anteriores.

- **Amigos**

Na opção Amigos, além de visualizar todos os amigos do seu Perfil, você pode informar outros endereços de email válidos, para que o sistema procure por novos possíveis amigos. Adicionalmente o Facebook lista uma série de pessoas com interesses semelhantes ou que tenham amigos em comum com você. Adicioná-los ou não é uma escolha sua.

- **Fotos**

É a área onde os álbuns de todos os seus amigos ficam disponíveis para apreciação. Em Álbuns recentes podemos ver aqueles que receberam aquisições nos últimos dias. Exibidos em ordem de atualização, permitem que você deixe comentário nas imagens que mais gostou. Há também a categoria Vídeos, com arquivos multimídia gravados pelos próprios contatos, ou encontrados pela rede.

- **Links**

Podem ser postados links de quaisquer sites, Compartilhar com seus contatos.

- **Grupos**

Podem ser criados pelos usuários para reunir os amigos ou interessados em algum assunto, por exemplo.

- **Jogos**

Uma lista das pessoas que fazem uso dos chamados Social Games está em destaque, com os jogos destacados em azul e link direto para os mesmos.

As ferramentas acima citadas facilitam a interação dos surdos com ouvintes, porquanto apresentam uma boa usabilidade, proporcionando aos usuários a busca e troca de informações.

2.3.1.2 Dados do facebook em Sergipe

Segundo dados do site: <http://www.slideshare.net/teaserpropaganda/facebook-sergipe-dadoscompletos>, Sergipe é o terceiro Estado do Nordeste com maior penetração *on line*. Os municípios que mais se destacam são: Aracaju, com 29.2 %, seguido de

Itabaiana (8,8%), Poço Verde (7.5%) e Carmópolis (6.5%).

Podemos observar mais adiante alguns dados relevantes sobre os usuários do Facebook em Sergipe.

Quadro 07: demonstrativo de usuários do Facebook em Sergipe

Total de usuários do Facebook	330,260
Posição na lista	3º do Nordeste
Penetração da população	10.5%
Número de habitantes	930.083%

Fonte: <http://www.slideshare.net/teaserpropaganda/facebook-sergipe-dadoscompletos> acesso em 13/04/2013.

A população feminina usuária do FB é de 55%, contra 45% da população masculina.

Quanto à idade dos usuários, temos:

Quadro 08: Demonstrativo de usuários do Facebook por sexo e idade

IDADE	Até 17 anos	18 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	Mais de 55 anos
Masculino	12%	36%	29%	13%	7%	3%
Feminino	13%	35%	31%	12%	6%	3%

Fonte: <http://www.slideshare.net/teaserpropaganda/facebook-sergipe-dadoscompletos> acesso em 04/04/2013

Quanto à participação dos sujeitos surdos no Facebook, não existe dados específicos que nos apoiem, eles estão incluídos nesse ambiente, utilizando as redes sociais digitais, já que as mesmas criam novas formas de relacionamento, conhecimento e aprendizagem, mesmo que enfrentando o desafio da linguagem.

Como já falei anteriormente é possível definir redes sociais como um espaço virtual onde existem relações em todos os âmbitos, entre os usuários que compartilham de quaisquer interesses em comum. Nessa compreensão, percebo que é necessário conhecer mais profundamente como se dá a interação dos sujeitos surdos nas redes sociais digitais, mais especificamente na rede social Facebook, verificando se este é um ambiente acessível linguisticamente para esse grupo de usuários.

CAPÍTULO III

O PERCURSO, AS ROTAS E OS RESULTADOS

... se eu tivesse que perder todas minhas posses e atribuições, com apenas uma exceção, escolheria ficar com o poder da comunicação, pois com ele eu logo recupero todo o resto.”

Daniel Webster

Nesse capítulo, descrevo passo a passo o percurso metodológico da pesquisa, a concepção metodológica utilizada, especificando a abordagem metodológica, caracterizando o campo empírico e as categorias de análise, bem como os sujeitos participantes e os recursos utilizados para a sua realização. Apresento os resultados obtidos no campo empírico, a observação e registro das discussões e resultados dos grupos e as contribuições do uso do Facebook na escrita do surdo, e também as considerações finais onde explico as minhas reflexões acerca dos resultados obtidos na pesquisa, além das limitações do estudo e sugestões, baseadas nas concepções teóricas defendidas nessa dissertação.

O surgimento da internet como um espaço público, aparentemente sem fronteiras, onde se formam grupos, comunidades, em torno de qualquer assunto, as práticas sociais se transformam, e aí se incluem a comunidade surda, que vê nesse ambiente um espaço de igualdade na diferença, tornando-se um espaço que pode ser um meio para sua inserção comunicacional no mundo ouvinte.

Seguindo a teoria histórico-cultural, Vigotsky (2005, p. 150) afirma que o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento, que ocorre no contato do indivíduo com o ambiente cultural, e se constrói na relação entre linguagem e pensamento, onde o significado é o ponto de união dos dois, faz a mediação entre o indivíduo e o mundo, tornando-os capazes de aprender e interagir com o mundo.

A aprendizagem da língua portuguesa escrita pelo sujeito surdo ainda é muito precária, motivada principalmente pela ausência da audição que não os possibilita adquirir uma língua oral naturalmente, e assim ser inserido no meio social e cultural do mundo ouvinte e dificulta a obtenção de um sistema conceitual, que permita compreender as relações e o contexto levando-o a ter uma baixa qualidade na sua escolarização. É a partir desse quadro que entendo o uso dos recursos da tecnologia, em especial a rede social digital Facebook, como um aliado no processo comunicacional do surdo utilizando a língua portuguesa escrita, por meio da interação e socialização entre eles e os ouvintes.

1.1 – O Percurso Metodológico

A proposta de analisar o papel das redes sociais digitais na comunicação dos surdos através da observação da escrita da língua portuguesa define esta pesquisa como exploratória, visto que procura constatar algo num fenômeno. Tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa de base etnográfica, na medida em que proporciona a “inserção do pesquisador no ambiente, no dia-a-dia do grupo investigado” (VERGARA2005, p. 73). Volta-se mais especificamente para a netnografia digital, quando pretende analisar e compreender a dinamicidade das redes sociais digitais no que diz respeito às suas atualizações tecnológicas, de comportamento e sua subjetividade. A opção pela netnografia digital como ferramenta metodológica na pesquisa em comunicação e cibercultura representa uma opção para compreender as comunidades virtuais e a cibercultura.

Neste estudo, procuro estar consciente de que estava observando um recorte comunicacional das atividades de certa comunidade on-line, não a comunidade propriamente dita, já que na comunidade estão intrínsecos muitos outros comportamentos que influenciam e/ou determinam sua formação, e que não fazem parte do meu estudo. Focada em meu objeto de estudo, ao observar a comunidade virtual, levanto questões, observando se a comunidade me possibilita condições de desenvolver o estudo de forma efetiva e me posicionar de maneira ética e com clareza em minhas análises.

Quando se refere à ética na pesquisa netnográfica digital, Amaral (2008) fala que:

Assim, o caminho eticamente recomendável, é que o pesquisador se identifique e identifique o interesse de sua pesquisa, pedindo as permissões necessárias para o uso das informações obtidas em postagens e em conversas com os participantes das comunidades e fóruns. Além da garantia de confidencialidade e anonimato aos informantes, tratando-os por pseudônimos e não por seus nomes de usuário, incorporando na pesquisa as respostas e *feedbacks* vindas dos participantes ativos das comunidades.

Ainda baseada na referida autora, no que diz respeito à coleta e análise na netnografia digital, pode-se utilizar alguns procedimentos, como: filtrar os dados coletados e copiados diretamente dos membros das comunidades on-line participante da pesquisa, utilizando apenas as informações pertinentes ao objeto de estudo; coletar as informações observadas pelo pesquisador no que tange as interações e práticas comunicacionais entre os membros da comunidade estudada e também de sua própria participação; e, por

fim, levantar os dados desejados, por meio de entrevistas on line com os membros da comunidade no intuito de caracterizar a forma de utilização da internet e especificamente dos sites de relacionamento, mensagens, fóruns, etc.

Nesta pesquisa, a caracterização da netnografia virtual se deu nos momentos em que os participantes fizeram uso das redes sociais digitais para estabelecer novas formas de comunicação e interação.

Em relação às vantagens do uso da netnografia digital, ressalta-se a economia de tempo, custo financeiro e também por ser considerada pouco invasiva, já que o pesquisador não está presente fisicamente, oferecendo a opção ao pesquisador de se distanciar do seu objeto de estudo se assim desejar ou ser participativo, mesmo com a desvantagem que a falta desse contato pessoal pode desvelar nas realidades encobertas pelas palavras escritas.

Partindo desse quadro, entendo que uso dos recursos da tecnologia, em especial as redes sociais digitais, podem se apresentar como um aliado na construção de novas metodologias de ensino da língua portuguesa para os surdos, que não é meu objeto de estudo nesta pesquisa, mas que poderá ser uma contribuição para pesquisas futuras.

Assim, a pesquisa com o Facebook, seguiu esses três passos com a intenção de atender aos objetivos do estudo, apresentados no quadro 11.

Quadro 09 – Objetivos da pesquisa.

Objetivo geral	Objetivos específicos
Analisar o papel das redes sociais digitais na comunicação entre surdos através da observação da escrita da língua portuguesa nessas redes digitais, mais especificamente, no Facebook.	Identificar as dificuldades e facilidades específicas dos surdos em relação ao processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita para se comunicarem na rede social digital facebook.
	Identificar e caracterizar como as formas de utilização da internet pelos surdos podem potencializar o acesso e a construção da escrita da língua portuguesa.
	Analisar se a relação entre o processo de alfabetização dos surdos e a utilização da rede social digital facebook influencia em sua comunicação e interação.

1.1.2 Os sujeitos da Pesquisa, Campo Empírico e os Recursos.

Os sujeitos dessa pesquisa foram os surdos que se utilizaram da rede social digital Facebook no período de 17 de março a 17 de setembro de 2012, perfazendo um total de seis meses. O espaço virtual “Comunidade Surda de Sergipe”, formada na rede social digital Facebook, foi nosso campo empírico.

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram: I- observação

e cópia de diálogos virtuais, que contou com a participação de 34 sujeitos surdos; II-questionário on line, respondido por 30 sujeitos surdos, ambos aplicados na rede social digital Facebook, por meio do grupo “Comunidade Surda de Sergipe” e finalmente, III-Fórum de discussão, com a participação de 15 sujeitos surdos, integrantes do grupo “Surdos Conectados”, criado no Facebook especificamente para a nossa pesquisa.

Abaixo, apresentamos o quadro 12 que demonstra o quantitativo de participantes por etapa:

É importante ressaltar aqui que os sujeitos que participaram das três etapas da pesquisa não necessariamente são os mesmos e foram nomeados por ordem de participação, iniciando com a primeira etapa e seguindo nas segunda e terceira etapas, conforme quadro 10, onde se pode observar o quantitativo de participantes em cada etapa. Cada sujeito recebeu um número que foi mantido quando da sua participação nas etapas posteriores.

Quadro 10: Quantitativo de participantes por etapa

Etapas	Participantes						
	Por etapas	Só etapa I	Só etapa II	Só etapa III	1ª e 2ª etapas	2ª e 3ª etapas	Todas as etapas
1. Observação dos diálogos	33	22	-	-	06	10	05
2. Aplicação de Questionário	30	-	10	-			
3. Fórum	15	-	-	10			

Na primeira etapa, a observação da participação dos sujeitos surdos no Facebook, ocorreu no período de 17 de março a 26 de abril de 2012, conforme ia se desenvolvendo as discussões no grupo “Comunidade Surda de Sergipe”. Para iniciar essa observação, foi solicitada a autorização dos participantes para que eu pudesse copiar os registros dos diálogos, com o objetivo de levantar as dificuldades gramaticais mais recorrentes; se essas dificuldades interferem na comunicação entre surdos e ouvintes e se a comunicação nas redes sociais digitais potencializa ou não a escrita da língua portuguesa. Nesta etapa, foram registrados nove (09) diálogos que serviram de base para um registro diagnóstico e orientaram a preparação da entrevista.

Observando a comunicação do sujeito surdo, como eles entendem o mundo “ouvinte”, a necessidade de se comunicar em uma língua que não domina em sua totalidade, compreendo que a utilização das redes sociais apresenta uma infinidade de recursos que permitem a socialização, a troca de informações e luta pelos seus direitos.

A segunda etapa da pesquisa ocorreu na semana de 26 de março a 02 de Abril de 2012, por meio de questionário pré-estruturado, disponibilizado no Facebook por meio da ferramenta grupos, (grupo Comunidade Surda de Sergipe), utilizando o link <https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?formkey=dERjVE9MOXNENkZGQ1QyZjUxdTdtWWc6MQ>, a todos os surdos participantes do grupo que desejaram contribuir apresentando suas percepções e informações quanto ao processo de inclusão social por meio das redes sociais digitais, identificando e caracterizando as formas de utilização da internet, se essa utilização potencializa o acesso e a construção da escrita da língua portuguesa e auxiliar no desenvolvimento da comunicação do surdo, através do contato com os ouvintes e expande seu vocabulário e compreensão do significado das informações.

A terceira etapa foi realizada de 13 a 17 de setembro de 2012 e consistiu em formar um grupo chamado “Surdos Conectados”, com os surdos membros do grupo “Comunidade Surda de Sergipe”, já observado na primeira etapa dessa pesquisa. Para realizar esse fórum eu convidei os surdos da comunidade já citada por meio do facebook, explicando os objetivos da minha pesquisa. Neste grupo foi constituído esse fórum onde foi proposto temas sobre o uso da rede social digital como fomentadora da inclusão educacional e social, como foi o processo de alfabetização individual (em libras, em português, ou em ambos?), que metodologia ou filosofia de alfabetização (oralista, comunicação total ou bilinguismo?) foi utilizada em seu processo de alfabetização e como essa escolha ou imposição (por opção ou falta de opção) refletiu ou ainda reflete em sua comunicação/ interação com o mundo ouvinte.

3.1.3 - Organização e análise dos dados

Para me orientar no processo de análise, tomei Bardin (2002) como referência principal, para a análise de conteúdo. A abordagem de análise de conteúdo tem por finalidade, a partir de um conjunto de técnicas, explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou os efeitos dessa mensagem.

Ao utilizar a análise de conteúdo, procurei baseada nas categorias estabelecidas, deduzir de maneira lógica conhecimentos sobre o contexto em que esta foi emitida e pude identificar os principais conceitos e/ou temas abordados nos dados coletados. Nesse processo, considerei a totalidade dos textos coletados, no intuito de categorizar as respostas identificando as frequências ou ausências de itens.

A partir da observação dos resultados obtidos por meio dos registros dos diálogos do grupo na rede e do fórum de discussão, foram elencados categorias de análise com o intuito de

responder à minha questão norteadora da pesquisa que é: como se dá o processo comunicacional do surdo, em relação ao domínio da língua portuguesa, nesse contexto tecnológico que vivenciamos?

Após os registros das discussões, com base em Bardin, identifiquei cinco categorias conceituais que serviram de base para a análise: linguagem, rede sociais, comunicação de surdos, interação e inclusão.

3.2 - Análise e discussão dos resultados com base nas categorias conceituais: Linguagem, rede sociais, comunicação de surdos, interação e inclusão.

Numa sociedade de direitos onde os sujeitos surdos pleiteiam políticas que estabeleçam sua inclusão social, que perpassa especialmente pelo domínio da língua oficial, no caso a língua portuguesa, na modalidade escrita, processo esse já assegurado com a Lei nº 10.436, de 24/4/2002, que oficializa A língua Brasileira de Sinais (libras), o Decreto nº 6.094/07 estabelece a inclusão educacional, com apoio do atendimento educacional especializado (AEE), e o direito do aluno surdo ter uma educação bilíngue, tendo a Libras (língua Brasileira de sinais) como primeira língua e o português como segunda língua, é imperativo que seja garantido acesso e uso das Tecnologias da informação e Comunicação que podem redefinir as práticas de socialização e comunicação, e permitir a acessibilidade comunicacional.

É com base nessa premissa que irei agora mostrar os dados coletados nas etapas da minha pesquisa, fazendo a análise dos resultados obtidos, baseada na discussão teórica apresentada nos dois primeiros capítulos desta pesquisa.

3.2.1 - Análise dos resultados coletados na observação no Facebook

Com a observação da participação dos sujeitos surdos no Facebook eu pude analisar como o uso dessa rede pode ou não potencializar sua escrita da língua portuguesa e também algumas dificuldades gramaticais mais recorrentes e se essas dificuldades interferem em sua comunicação com os ouvintes. Faço uma ressalva que não é objeto dessa pesquisa adentrar nas questões específicas da gramática da libras. Esse assunto, por sua abrangência e profundidade não caberia nesse momento da minha pesquisa.

A seguir mostro os dados coletados, que foram organizados em forma de quadro demonstrativo onde levantei informações como: número de participantes, de mensagens e temas abordados em cada um dos 09 diálogos que foram objeto dessa etapa da minha pesquisa. Também trago segmentos dos diálogos copiados do Facebook para ilustrar a forma de escrita dos surdos e oferecer um panorama sobre sua participação nessa rede social digital. Explico ainda que as dificuldades gramaticais encontradas estão descritas no quadro 11 e realçadas em negrito no quadro 12.

Quadro 11: Quadro demonstrativo dos diálogos copiados

Nº	Data	Horário	Nº de msg.	Nº de Temas	Participantes	Temas abordados	Dificuldades gramaticais
01	17/3/2012	09h47min A 21h38min	24	02	12	-Congresso de surdos -Modelo surda de Sergipe	Gênero; preposição
02	21 a 23/02/2012	(21/03) 23h12min a (23/03) 20h47min m	14	06	06	-Visita de surdo australiano que faz teatro -Associações de surdos de Sergipe -campeonato de futebol entre surdos do Brasil -reunião da associação - convite para participar de workshop sobre mercado de trabalho da profissão professor de libras - Escola bilíngue	Conjugação de verbos
03	24/03/2012	09h40min a 21h07minh	10	01	07	- Curso de português e redação para Surdo	Vocabulário
04	08 e 09/04/2012	16h17minh A 18h09minh	10	01	03	- sala de recursos para surdos	Conjugação verbal, concordância nominal e verbal.
05	10 e 11/04/2012	(10/04)22h 47min A (11/04) 23h54minh	15	01	09	-comemoração dos 10 anos da lei da Libras -	Conjugação verbal; Preposição.
06	11 e 12/04/2012	(11/04) 03h16min A (12/04) 17h31min	08	01	04	-contratação de surdos pelo TRT	Preposição; verbo; gênero.
07	18/04/2012	03h16min A 11h16min	07	01	06	- palestra para surdos	Conjugação verbal;
08	20 e 21/04/2012	(20/04)21h 29min A (21/04)20h 29min	20	01	07	- Sinal em libras para o shopping de Socorro	Conjugação verbal; Preposição.
09	26 e 27/04/2012	(26/04)14h 14min A (27/04) 00h30min	10	02	05	- comentários sobre palestra e passeata da lei de libras em Brasília -escola bilíngue	Conjugação verbal

Analisando os dados do quadro 11 é perceptível a interação entre os participantes e como estão unidos para resolução e discussão de problemas comuns, a partir dos assuntos discutidos nos diálogos. Por exemplo: “Associações de surdos de Sergipe”, “campeonato de futebol entre surdos do Brasil”, “workshop sobre mercado de trabalho da profissão professor de libras”, “Escola bilíngue”, “Curso de português e redação

para Surdo”, “comemoração dos 10 anos da lei da libras”, “sala de recursos para surdos”. Constatai que os surdos utilizam o espaço virtual do facebook para socialização de notícias, discussão de temas específicos da comunidade surda e também se reúnem em encontros sociais e diversão.

Observo essa interação como categoria de análise que define os tipos de relações estabelecidas entre os participantes, uma vez que as relações sociais são conceituadas como sendo as diferentes formas de interação social, baseadas em ações recíprocas que são observadas e descritas pelo comportamento social, e intelectual dos sujeitos surdos conectados. Lembro Castells (1999) quando fala que, as comunidades virtuais oferecem um contexto novo para refletirmos sobre a identidade humana na era da internet. Ou seja, as conexões construídas entre os indivíduos na sociedade, entendidas como laços sociais, constituído de interações e trocas estabelecidas por meio do agir no espaço social.

O quadro 12 que mostro a seguir é constituído de alguns recortes dos diálogos copiados na observação, que foi a primeira etapa da coleta de dados para minha pesquisa, como já explicado anteriormente.

Para formar o referido quadro selecionei uma amostra de cada diálogo copiado, lembrando que a numeração de cada sujeito segue a ordem de participação na pesquisa, e justifico a presença da fala de apenas alguns participantes por ser observação de diálogos livres, tendo como parâmetro analisar alguns aspectos da escrita da língua portuguesa pelo sujeito surdo. As palavras destacadas em negrito tem o objetivo de mostrar as algumas dificuldades mais recorrentes sentidas pelos sujeitos surdos, como analisarei adiante.

Quadro 12: recorte dos diálogos copiados

Diálogo 01 Sujeito 18 - Por que modela surda usa em Sergipe? Todos surdos não conhecem ela!’ Sujeito 10 - ela mora mesmo Associação Ceará pergunta dono ele sabe modela fica pronto ok ela não mora sergipe aqui sabe pq ele veio aqui para visita aqui chamou ouvir pra sabe ver corpo modela fica bonita Sujeito 12 - é melhor pergunta p ela vai responder onde morar em sergipe ou fortaleza. ela se vai explicar essa história direito. se ela quiser. Diálogo 02 Sujeito 13 - Importante tem informação para os surdos . vai unidos mais forte e movimento de Sergipemostra para outros Estados do Brasil..Agora os surdos sergipanos está crescendo por tem o Campeonato de futsal.Agora outros estados tem Curioso e Atenção no Sergipe está crescendo e movimento de surdos.. Não é só Esporte para Sergipe!!! Pode fazer idéias os vários convidados outros tipos Teatros, Palestras e etc para Sergipe tem capacidade mostra um Estado é Forte do Nordeste.... Diálogo 03 Sujeito 18 - Quero aprender uma redação também. Sujeito 11- Tô pior de verdade, eu escrevo um pouco e imperfeito! =/ Eu aprendo mais, eu ensino mais de redação, gramática, vocabulário e leitura
--

Diálogo 04

Sujeito 19 - Oiíiii boa tarde aqui tão gentes felizes **que bom...**

Então... eu sou surda e tenho 15 anos, **estudo de onde é D. Q., tem** interpreta da W.. **Então eu tenho muito difícil** estou está **preocupar eu quero recurso de onde???**

Eu tenho muito **difícil em português** só é? **Não são todos matérias... então tem lá recurso de Ipaese???** **Eu preciso estudar profundo é importante mesmo!**

Diálogo 05

Sujeito 23 - cadês gentes **são** olhem esse qual escolheu ? favor responder

Sujeito 24 - Eu não consigo **vou** para Brasília em **de** abril. Porque eu não posso **ir vem** Brasília. **como** longe.. : **Sujeito 23**- Surdos não podem no negativo..por favor **vamos bora** positivo lugar proprio dos surdos **são** coragem não precisa de medo. viu...

Sujeito 28 - **vou fez filmar vídeo ok**

Diálogo 06

Sujeito 19 - O Trt assinou que surdos do IPAEE vao trabalhar, Que caramba 1 milhao da folhas!

Sujeito 19- Pois **é por** sofrimento!?

Sujeito 13- Não sofrimento nada, gostei o trabalho foi fácil só digitalização e horas do trabalho **só 6hs**

Sujeito 19

- Ah humm que **bom sorte** do que sofrimento rsrs..

Diálogo 07

Sujeito 01 - Palestra: o que é projeto XXXXX? espero que vocês **participam**, não se obriga :) -Emaracaju, perto no shopping riomar, bairro é coroa do meio. Poxa **tem ser** segunda feira a noite na XXXXX, não **puder** ir, pois trabalho a noite.

Sujeito 29 - Obrigado .. espero que surdos **participam** :)

Sujeito 11 - Poxa, eu qria ir pq **tenho ir** nas aulas á noite em XXXXX. =/

Diálogo 08

Sujeito 14 - Surdos muito diferentes um sinal **por** confusão. Quero PADRÃO Sergipanos aprendem umsinal. Só isso! Pessoas **dar** para vc, nada **me informar** e tb para surdos. Como surdos instrutores **senalensinar** para ouvintes **ficar** errado. Entendem? Esperando manda aqui uma foto e vídeo sinal?

Sujeito 33 - melhor esperar rapaz!!! porque ja tem sinal ficar **muitos** confusão mas vc nao morar lasecorro...Porque ja tem sinal.. Se nao tem interessante video mostrar sinal certo **precisar** provar sinal valeu!!! Aguardando vc video!!!

Diálogo 09

Sujeito 04 - Q saudadee demais de vocês... Oba, já voltei **aqui em** ARACAJU!! Já vira a palestra deX?

Sujeito 29- Pra mim, eu GOSTEi demais ai percebi que surdos **tenham** duvida pra perguntar,

O quadro 12 apresenta de maneira mais específica as dificuldades gramaticais sentidas pelos sujeitos surdos. Das mais recorrentes destacamos a conjugação verbal, uso exagerado ou não uso de preposições, concordância nominal e verbal, gênero, estrutura das frases e vocabulário. Não observei nenhuma correção por parte deles mesmos sobre essas dificuldades e também não constatei erro de grafia das palavras, exceto por digitação apressada, e uso da linguagem abreviada, comum nas redes sociais. Estas dificuldades podem estar motivadas ao fato do sujeito surdo ser visual, gravar a forma da escrita e não estar exposto às erros gerados pelas diferenças entre os sons das palavras e a grafia das mesmas, problema comum na escrita da língua portuguesa.

A origem da grande maioria desses “erros” está na explicação de que a libras tem uma estrutura gramatical própria, como exemplo, pode observar nos diálogos a utilização dos verbos no infinitivo, supressão ou uso excessivo de preposições, que na gramática da libras é inexistente. Percebi também que eles utilizam siglas, sinais específicos da linguagem da internet (=/,) e reduções como vc, tb, pq, mostrando familiaridade e compreensão dessa linguagem.

Baseada na ideia de Vigotsky (1995) compreendendo o ser humano como um ser histórico-cultural, o desenvolvimento se dá a partir da inserção do homem num contexto que lhe possibilite relacionar-se com o mundo e apropriar-se dos significados culturalmente construídos. Analisando o pensamento do autor, entendo que o desenvolvimento humano é possibilitado por sua inserção ou exposição à sociedade e sua cultura, não esquecendo que o momento histórico em que vive também traz influências sociais e culturais em sua história individual-social, e essa interação é determinante para uma aprendizagem significativa. E pude constatar esse pensamento, a partir da análise dos diálogos, neles podemos afirmar que os surdos conseguem manter uma interação com o uso das redes sociais digitais.

Ainda no campo da linguagem, cito Quadros (2006, p. 33) quando explica que “A escrita passa a ter uma representação na língua portuguesa ao ser mediada por uma língua que haja significação [...]”. Assim, a escrita do português é significada a partir da língua de sinais. Compreendo então, que os surdos aprendem através do canal viso-espacial, enquanto que os ouvintes aprendem através do canal oral-auditivo e, para respeitar essa realidade linguística é necessário utilizar métodos adequados, que unam significado e significante. A referida autora complementa dizendo que “As palavras não são ouvidas pelos surdos, eles não discutem sobre as coisas e seus significados no português, mas isso acontece na língua de sinais. Assim, a escrita do português é significada a partir da língua de sinais”. Como os surdos não são letrados na sua língua, quando se deparam com o português escrito, a escrita só passa a ter uma representação na língua portuguesa ao ser mediada por uma língua que haja significação para os mesmos, no caso a libras.

1.1.1 – Análise dos resultados coletados através do questionário online

Antes de descrever os resultados dos questionários é importante lembrar que os colaboradores poderiam marcar mais de uma caixa de seleção, então a soma das percentagens de algumas perguntas pode ultrapassar 100%. Este questionário procurou identificar e caracterizar como as formas de utilização da internet pelos surdos podem

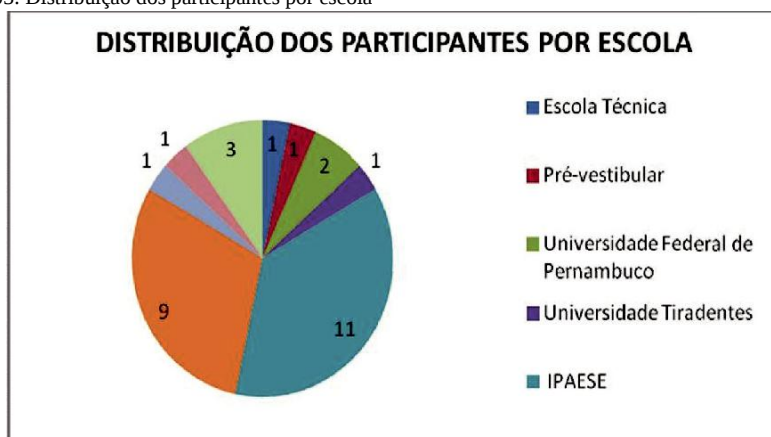
potencializar o acesso e a construção da escrita da língua portuguesa.

Foram 30 os sujeitos surdos que responderam ao questionário, sendo 12 do sexo feminino e 18 do sexo masculino. As idades dos entrevistados variam de 15 a 31 anos, sendo que 50% tem idade entre 15 e 20 anos e os outros 50%, tem idade entre 22 e 31 anos. 07 alunos estão no ensino superior, 22 são estudantes do ensino médio e 01 cursa o ensino fundamental, e estão distribuídos entre escolas particulares e públicas, conforme quadro 13.

Quanto ao nível de escolarização, do total de 30 entrevistados, 01 cursa o ensino fundamental, 22 estão no ensino médio e 07 cursam o ensino superior. Dos surdos que estão no ensino médio, 11 estudam na rede pública e 11 na rede privada (IPAESE).

Analizando a escolaridade dos participantes, verifiquei que quase a totalidade (29 sujeitos) está cursando o ensino médio e superior, o que me leva a refletir que a escola ainda não está preparada para contribuir no processo de letramento desses alunos.

Gráfico 03: Distribuição dos participantes por escola

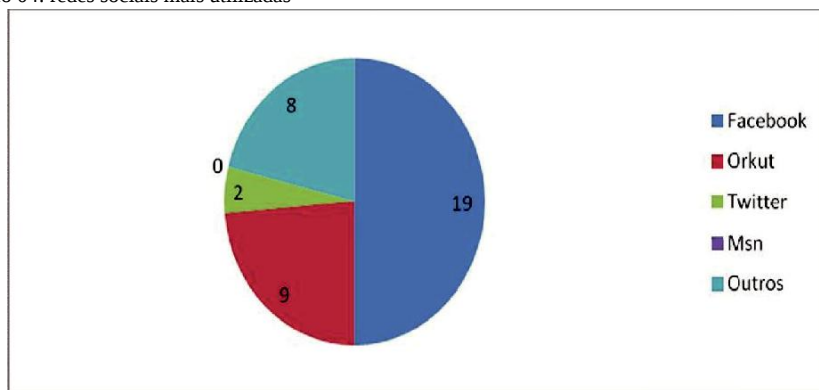


Em relação ao acesso ao computador, 83% dos entrevistados responderam que tem acesso ao computador em casa, e 50% na escola, e 93% acessa a internet pelo computador enquanto apenas 33% acessam também pelo celular.

São bem significativos os dados referentes ao acesso ao computador e à internet, se compararmos aos dados coletados pela pesquisa feita pelo O Globo, disponível em: <http://oglobo.globo.com/megazine/pesquisa>, sobre os hábitos dos jovens brasileiros com relação à internet por meio de entrevistas nas redes sociais, em sua maioria, os usuários das classes A, B e C acessam a internet em casa (74%). Já entre as classes D e E utilizam LAN houses como forma de acesso ao computador.

Quando perguntamos sobre as redes sociais mais utilizadas, tivemos o Facebook com 63% seguida do Orkut com 30% de usuários. Os que preferem o Orkut são na totalidade estudantes da escola pública, que ainda não tem acesso facilitado à internet e por terem esse acesso mais restrito, não acompanham a rapidez da evolução das ferramentas oferecidas pelas redes sociais. Estes dados estão dentro da média do Brasil, conforme dados coletados pela mesma pesquisa acima citada, que nos revela que 79% dos jovens usam Facebook e 44%, o Orkut.

Gráfico 04: redes sociais mais utilizadas



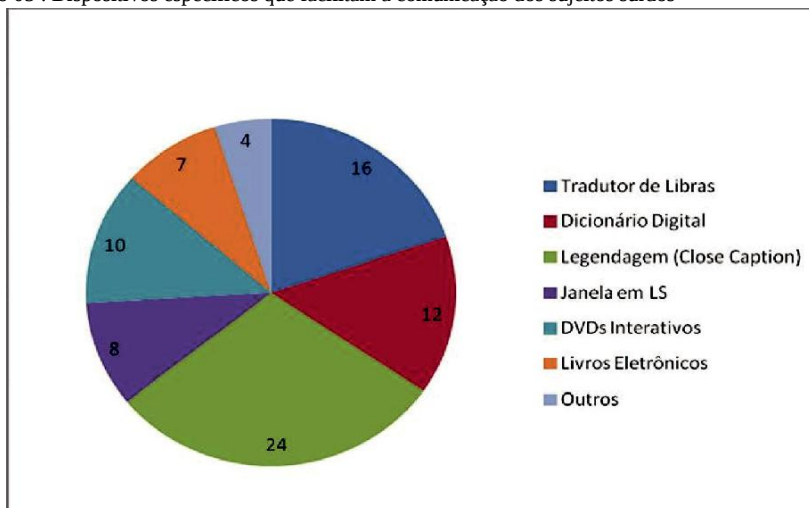
Visualizamos aqui outra categoria: Redes Sociais, que, conforme Santaella (2004, p.184): “navegar significa movimentar-se física e mentalmente em uma miríade de signos”, coloco que as redes sociais são espaços virtuais que permitem relações entre os usuários que compartilham de quaisquer interesses em comum, e que podem promover tanto o acesso à informação quanto a aprendizagem. E o surdo ao acessá-la, poderá experimentar uma navegação mais fluida se tiver esse acesso apoiado por softwares, aplicativos ou programas que possibilitem a comunicação e a inclusão no ambiente digital, além de utilizar o espaço das redes sociais digitais para desenvolverem a linguagem.

Quando perguntados sobre a utilização de dispositivos específicos, que facilitam a comunicação dos sujeitos surdos, as respostas foram as seguintes, como explicitados no gráfico 04: a legendagem close caption é mais utilizada por 24 entrevistados, já o tradutor libras é utilizado por 16 dos entrevistados, seguido pelo uso do dicionário de libras, com 12 usuários. O uso desses três dispositivos, como também o pouco uso do livro eletrônico e DVD's interativos pode estar revelando a grande dificuldade ainda dos sujeitos surdos em compreender a escrita do português.

Esses resultados confirmam a importância da tecnologia assistiva para a inserção comunicacional dos sujeitos surdos, que, conforme a CORDE, (2007) é entendida como

uma área do conhecimento, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a participação, de pessoas com deficiência, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

Gráfico 05 : Dispositivos específicos que facilitam a comunicação dos sujeitos surdos



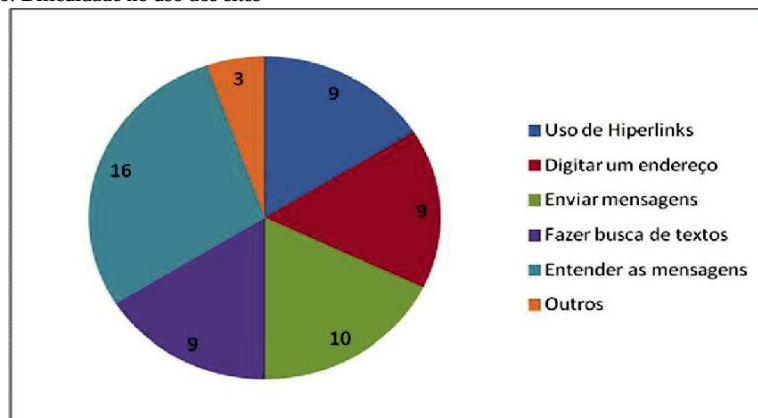
Quanto aos usos mais corriqueiros da internet os participantes responderam: Conversar com amigos e professores; pesquisar; ver notícias; assistir filmes e jogar. E entre os conteúdos de maior interesse, estão as notícias, baixar séries com legenda, vídeos no youtube. Quando perguntados sobre as maiores dificuldades que encontram na leitura de páginas da internet são a falta de legenda, de tradutor de texto, falta de conteúdo em libras. Essas dificuldades vem reforçar a análise feita anteriormente sobre a necessidade de uso de dispositivos que promovam ou facilitem a compreensão do português escrito.

Reforçamos aqui a importância da criação e socialização de aplicativos que minimizem essas dificuldades como algumas tecnologias digitais que tem como proposta garantir a acessibilidade comunicacional para o sujeito surdo como: Tradutores eletrônicos de libras, como o Software Player Rybená (um programa tradutor de Libras que permite condições de acesso a serviços públicos e privados, o acesso a sites, e o uso de telefonia celular com tradutor em Libras e tradução em tempo real de textos das páginas da Internet.); o software VE- LIBRAS (software que converte a fala e escrita em português para libras, ele grava o som de uma pessoa falando na língua portuguesa e, mediante a um processo de reconhecimento de voz, torna possível a conversão da fala em texto); o Software ProDeaf- (aplicativo que faz a tradução para Libras de textos e áudios em português, em tempo real. O aplicativo é gratuito e tem 1.200 sinais em Libras, mas

pode receber novas informações do próprio usuário. Tem um editor que cadastra novos sinais); DVDs interativos como por exemplo: Aulas temáticas - que destina-se ao ensino de palavras em Libras. Não envolve palavras da língua portuguesa; Jogos de Bingo - Todos os temas em Libras com legenda em cinco línguas (port./ingles/Frances/italiano/espanhol e o SignWrite.). Medidas e de áreas e Libras – (é um entre muitos outros programas destinados ao ensino da matemática. Há outros similares, voltados para o ensino de português, geografia, história, meteorologia e outros tantos temas). As Legendas tipo close caption offline e on line;(legenda concebida para permitir aos surdos e pessoas com dificuldades auditivas o acesso a programas, comerciais e filmes veiculados na televisão e em vídeo). A Janela em língua de sinais (tecnologias de produção de vídeos com conteúdos em libras que podem ser disponibilizados em livros eletrônicos, cursos e em sítios eletrônicos na internet). O Dicionário de libras (se escolhe uma palavra e procura pela inicial o seu significado, a demonstração em vídeo, exemplos de uso dessa palavra, a classe gramatical e o sinal feito com a mão.). Os Dispositivos portáteis multimídias (PDAs) (equipados para reproduzirem vídeos com conteúdos em língua de sinais e legendas disponíveis). Os Óculos legenda para surdos (são óculos especiais, nos quais é possível ler diretamente as legendas, podendo ser usados tanto para ver filmes 2D como 3D. Os utilizadores podem escolher seis idiomas diferentes, dependendo das que estiverem disponíveis no próprio cinema). A Luva que converte Libras em som para facilitar comunicação (a luva tem 15 sensores de flexão, um giroscópio e um acelerômetro, e é capaz de “ler” os sinais feitos pela mão que a usa e convertê-los em sons, facilitando a comunicação das pessoas com os sujeitos surdos).

A maior dificuldade no uso dos sites é entender as mensagens na tela, que estão em português. Logo depois vem o uso de hiperlinks, digitar endereços, fazer buscas de temas.

Gráfico 06: Dificuldade no uso dos sites



As dificuldades descritas no gráfico 06 resultam de uma educação deficitária para os surdos, devido ao seu histórico de desenvolvimento social e educacional, conforme já discuti no primeiro capítulo, pois é necessário pensar numa educação que aperfeiçoe o aprendizado a partir de uma comunicação por meio da língua que os surdos dominem, no caso, a libras. Skiliar (2005, p. 27) coloca que “Além das crianças surdas possuírem a potencialidade da aquisição da língua de sinais, elas têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares, e de construírem estratégias de identificação...”. Essa afirmação vem corroborar as respostas dos surdos sobre a importância das informações na web estarem disponíveis também em libras:

Apoio-me também em Vigotsky (1991, p. 44) quando afirma que: “O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança.”. Ele faz a relação entre linguagem e pensamento, onde o significado é o ponto de união dos dois, faz a mediação entre o indivíduo e o mundo, tornando-os capaz de aprender e interagir com o mundo.

Segundo as falas dos sujeitos surdos, organizadas no quadro 13 o desejo de obter informações em libras é geral. Eles se sentem seguros em relação à compreensão da mensagem passada pelo texto. Ainda respaldada em Skiliar (1998), “o sujeito surdo é bicultural, pois está inserido em duas culturas, ouvinte e surda. Essa cultura (surda), como qualquer outra cultura, tem a língua como parâmetro principal, de onde é criada toda uma forma de convivência e socialização.” Então como não respeitar o direito do sujeito surdo de ter as informações também em libras?

Quadro 13: Importância das informações na web estarem disponíveis em libras

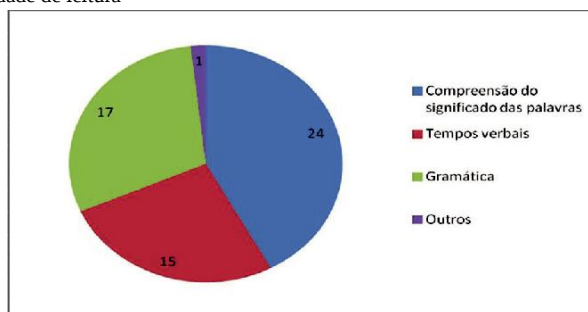
Sujeito 13	Sim, porque tem todas informações de libras nos vídeos, aprender, evoluir, desenvolver e conhecimento sobre libras
Sujeito 14	Porque é fácil para surdos entenderem visual em libras tem direito porque própria língua, tem que respeitar língua mesmo
Sujeito 05	Porque eu consigo entender pra nós comunicar é mais fácil e rápido
Sujeito 06	Eu não entendo. Você precisa traduzir o texto para libras no vídeo sobre isso
Sujeito 34	Sim, é bem pra mim.
Sujeito 35	Claro que sim .. Importante com os surdos .
Sujeito 04	Sim, porque é informação mais fácil para surdos.
Sujeito 07	Sim.
Sujeito 03	Sim, porque é importante para mim e aqueles surdos e surdas entender melhor em libras.
Sujeito 36	É muito importante, o surdo tem a língua materna é a libras, tem os olhos valiosos p visualizar as informações em libras.
Sujeito 37	Sim , aprender é importante libras..
Sujeito 08	Por que possível comunicação para surdos
Sujeito 38	Sim, surdo ter acesso livre
Sujeito 39	Sim, importante porque surdo fácil entender
Sujeito 28	Sim. Importante surdo comunicação livre pode

Constatamos aqui a categoria comunicação, e concordamos com Dominique Wolton (2010, p. 12- 13), quando observa que: “o desafio é menos de compartilhar o que temos em comum do que aprender a administrar as diferenças que nos separam (...) na comunicação, o mais simples tem a ver com as tecnologias e mensagens, enquanto o mais complicado tem a ver com os homens e as sociedades”. Então, o problema maior da comunicação não está na aprendizagem de uma língua em si, mas aceitação da diferença.

Para uma comunicação efetiva, é necessário aprender a conviver com a diversidade, no caso, com o sujeito surdo, com sua forma de comunicar-se. Wolton (2010, p. 12) ainda reforça esta afirmação, dizendo que “O problema não é mais somente o da informação, mas antes de tudo o das condições necessárias para que milhões de indivíduos se comuniquem... as incontáveis diferenças – linguísticas... culturais e religiosas – tornam ainda mais difíceis a comunicação”. Ou seja, a comunicação é essencial a qualquer ser humano e proporcionar a acessibilidade comunicacional, devemos promover o uso de todas as formas comunicacionais disponíveis, inclusive com o uso da tecnologia.

Em relação à dificuldade de leitura em português, 23 entrevistados responderam que leem com dificuldade e 07 disseram que conseguem compreender bem. Os maiores problemas no que diz respeito à compreensão são: entender o significado das palavras (80%); uso dos tempos verbais (50%) e a gramática em geral (57%).

Gráfico 08: Dificuldade de leitura



Um dado importante está relacionado aos alunos do ensino regular, da escola pública que só participaram dessa etapa da pesquisa (questionário). Pude observar que todos tem dificuldade de acesso à internet e baixa compreensão do português escrito e da libras. Talvez por isso tenhamos um menor numero de leitores ou acesso a livros online.

Analisando todas as informações coletadas com o referido questionário, percebi que processo de inclusão social por meio das redes sociais digitais, permite sua inclusão digital, entendida conforme Lucas (2000, p. 161) quando fala que “a exclusão digital é mais uma barreira socioeconômica entre indivíduos, famílias,... a qual decorre da

desigualdade quanto ao acesso e uso das tecnologias da informação e comunicação, hoje simbolizadas na Internet”, que por sua vez é um precioso aliado no acesso e a construção da escrita da língua portuguesa e, por conseguinte, no desenvolvimento da comunicação do sujeito surdo, já que viabiliza o contato com os ouvintes, permitindo a expansão do seu vocabulário e compreensão do significado das informações.

1.1.2 Análise dos resultados coletados através do fórum

Nessa terceira e última etapa da pesquisa, primeiramente fiz o convite as surdos através do grupo criado no facebook, pela ferramenta GRUPOS, para esse fim que foi batizado de “Surdos Conectados”, explicando o objetivo da criação do mesmo, como seria o fórum, o assunto principal e informando como os dados seriam utilizados, tive como objetivo nesta etapa como falei anteriormente, analisar se a relação entre o processo de alfabetização dos surdos e a utilização da rede social digital facebook possibilita ou não a interação entre surdos e ouvintes, e se o resultado dessa relação influencia em sua comunicação.

A seguir exponho as respostas dos participantes desta etapa, fazendo a análise das mesmas.

Por meio do convite (figura 14), obtive a participação de 15 sujeitos surdos, que colaboraram com esta pesquisa. Organizei as respostas em dois quadros (14 e 15), sendo o primeiro relacionado ao processo de alfabetização e o segundo demonstrando a relação entre alfabetização e participação nas redes sociais.

Soraya Meneses
Olá a todos!!!
O objetivo da criação desse grupo é fazermos um fórum de discussão, tendo como assunto principal será conhecer um pouco sobre o processo de alfabetização do surdo e seu domínio da língua portuguesa.

Essa pesquisa faz parte da minha dissertação de mestrado. Quem desejar participar será bem vindo! esclareço que os diálogos serão copiados e divulgados, mas seus nomes não aparecerão. Agradeço desde já a sua valiosa contribuição.
Curtir · · Seguir (desfazer) publicação · 1 de Julho às 21:30
Soraya Meneses
Roteiro de questionamentos para o grupo de discussão MESTRANDA: SORAYA CRISTINA PACHECO DE MENESES ORIENTADOR: PROFª. DRª. ANDREA CRISTINA VERSUTI, PÚBLICO ALVO: ALUNOS COM SURDEZ – 13 de Setembro.
Curtir · · Seguir (desfazer) publicação · Visualizar · Convidar amigos

Figura 14: convite para participação no fórum

Quadro 14: Processo de alfabetização

Colaboradores	Como foi ou ainda é seu processo de alfabetização?(português/ libras)	Descreva como foi esse processo
Sujeito 34	Eu é ambos	Eu sabe tudo LIBRAS. Eu estudei na escola X, começou idade 3 anos criança, aprendeu primeiro é LIBRAS,Nunca foi oralista. Agora estou omec comunicar bem.
Sujeito 40	Desde pequena meu primeiro aprendizado foi o “Português” qndo fiz 10 anos aprendi LIBRAS Foi Oralista	A maior dificuldade que eu tive foi aprender LIBRAS, demorou mto mas eu desenvolvi melhor
Sujeito 39	libras	atrasado libras
Sujeito 42	ambos	eu saber todo libras
Sujeito 38	LIBRAS	Normal
Sujeito 35	Em ambos	Minha mão é um diferente a libras, só possível o desenvolvimento.
Sujeito 41	omecei zação libras	omecei comunicação
Sujeito 43	Libras	Desenvolver libras
Sujeito 14	Ambos, na escola regular faltam professores fazer metodologia melhor para mim.	Para mim não dificuldades. Comecei aprender LIBRAS desde tinha 4 anos e o português desde tinha 10 anos.
Sujeito 08	Ambos	Eu não acostumo de muito falar Libras em Pessoalmente, Só virtual. Com dificuldades pouco em Português (Verbo)
Sujeito 37	Libras	aprender só livro libras já 6 anos libras se conseguir aprender
Sujeito 05	Ambos.	Fácil, comecei a aprender com 8 anos.
Sujeito 36	Amboos. Biliguismo.	Sem dificuldades – LIBRAS – omecei desde 15 anos.Comunicação e leitura de português. Com dificuldades – Português – Verbo, Preposição, Concordancia Verbal e Norminal e alguns partes
Sujeito 04	Ambos. Minha formação acadêmica é bilinguismo.	Sem dificuldades. Comecei aprender LIBRAS desde tinha 4 anos e o português desde tinha 8 anos.
Sujeito 07	Sou bilíngue com a escrita de português e Libras, somente. Simplesmente	Com a Libras, ouvinte tem visão como surdo e a comunicação pode ser normal, em alta velocidade, com entendimento da mesma forma que ouvintes comunicando oralmente.

Do total de 15 participantes, 09, se alfabetizaram em português e libras, 01 iniciou em português e aprendeu libras depois, e 05 só se alfabetizaram em libras. Os surdos que conseguiram ter uma educação bilíngue demonstram mais segurança nas respostas ao questionário sobre sua necessidade comunicacional. Baseada nas respostas do quadro 14, percebo claramente o que significa domínio da libras para os surdos, pois conseguem comunicar-se entre si com a mesma desenvoltura que os ouvintes em uma língua oral.

A respeito do bilinguismo, Goldfeld (2002, P. 43) afirma que: “O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade,

com cultura e língua próprias.”. Então se os surdos tiverem acesso a essa biculturalidade, com certeza estarão mais preparados para aprender, comunicar-se, interagir com todos. Volto então à Quadros (2006, p. 33) quando explica que “A escrita passa a ter uma representação na língua portuguesa ao ser mediada por uma língua que haja significação [...]”. Assim, a escrita do português é significada a partir da língua de sinais. E os surdos que são letrados na sua língua, conseguem ter uma representação na língua portuguesa ao ser mediada pela libras, conforme percebemos quando da análise do quadro 12.

No que concerne à potencialização do domínio do português escrito através das redes sociais digitais, os dados foram coletados e organizados no quadro 15.

Quadro 15: relação entre alfabetização e participação nas redes sociais

Sujeitos	O processo de alfabetização / participar das redes sociais digitais?	A participação nas redes / domínio do português escrito / comunicação com os ouvintes?	Os surdos por meio do Facebook promovem encontros pessoais, reuniões? Quais assuntos discutem?
Sujeito 34	Eu sei tudo sim.	Sim.	Tudo, marcar, passear, reunião etc
Sujeito 40	Eu creio que sim.	Sim e tbm a usar gíria.	Sim, o assunto mais comentados é sobre “Dicionário de LIBRAS”, oq significa isso ou aquilo e também para inaugurar o local que alguns ã conhecem. divertiui
Sujeito 39	importante	melhor portugues aprendeu importante	
Sujeito 42	saber sim	sim	todos , reuniao etc.....
Sujeito 38	sim é importante	importante	eu só conversar facebook surdos
Sujeito 35	Claro que sim é importante .	Sim	Pra que é as pessoas dos surdos é precisa coisa que marcar pra
			passear, shows e outras lugares
Sujeito 41	importante face usar melhor	tem face trocar comunicacao	ter usar face talvez e
		facil e simples	divretido
Sujeito 43	.Sei entendo	sim	em vez quando e marcar grana passeia etc
Sujeito 14	Sim, entendo.	Sim, algumas novas palavras o que significa e contexto de português	Todos assuntos, principalmente de cultura surda.
Sujeito 08	Sim...	Sim, algumas palavras que eu não conheço profundamente, tambem quero aprender mais palavras, o que significa, contextos etc	Qualquer pessoas encontro surdos, conversar sobre novidade, ajuda (etc...)

Sujeito 37	Sei entendo	sim	Todos principal e comunidade surdo
Sujeito 05	Sim	Sim, eu tenho que me esforçar, sempre que vejo uma palavra nova quero entender o significado..	Sim, eu faço parte de um grupo que se encontra. Contamos piadas, discutimos sobre acessibilidade dos deficientes na vida normal,
Sujeito 36	Sim..	Depende a palavra que eu conheço e as vezes sem sentimentos metáfora	Todos assuntos, maior a parte é comunidade surda
Sujeito 04	Sim, entendo.	Novas palavras e contexto de português	principalmente de comunidade surda
Sujeito 07	Libras..	sim	Tudo

Importante também é verificar que os sujeitos surdos de certa forma conseguem se comunicar com os ouvintes que muitas vezes não tem conhecimento da sua condição de surdez, fazendo uma ressalva sobre a falta de domínio do vocabulário, conseguem entender o contexto onde se encontram as palavras e entender a intenção comunicacional do ouvinte, como observado na fala do sujeito 08 “eu tenho que me esforçar, sempre que vejo uma palavra nova quero entender o significado...”.

Quando se referem à forma que utilizam o espaço da rede digital, não percebemos nenhuma diferença em relação ao uso que é feito pelos ouvintes. Eles marcam passeios, conversam sobre assuntos ligados diretamente à causa dos surdos, demonstrando que a cada dia estão mais “conectados” e usufruindo de sua cidadania. Fazendo um paralelo dessa análise com a análise feita dos diálogos demonstrados no quadro 12, onde observei que as dificuldades gramaticais mais recorrentes foram a conjugação verbal, uso exagerado ou não uso de preposições, concordância nominal e verbal, gênero, estrutura das frases e vocabulário e uso da linguagem abreviada, comum nas redes sociais, percebo que de maneira geral todos de alguma forma se beneficiam da comunicação via facebook.

Reforço, com o apoio de Souza (2007 p. 63), quando nos fala que “o domínio de uma segunda língua, no caso, o português, precisa ser conquistado. A libras e o português são línguas oficiais. E o domínio da segunda, que é utilizada por quase todos os brasileiros, é um importante passo para a emancipação do surdo”.

Vale ressaltar que conforme o quadro 10, onde vemos o quantitativo de participantes por etapa, apenas 05 sujeitos participaram de todas as etapas, e analisando os dados obtidos com os mesmos, observei que são os sujeitos que já estão no ensino superior, são dominantes da libras e com bom desempenho na língua portuguesa, além de assíduos usuários das redes sociais digitais.

Retomando a análise sobre a escolaridade dos participantes conforme resultados do questionário on line, onde a maioria está cursando o ensino médio e superior, me leva a refletir sobre o papel da escola na inclusão linguística desses sujeitos surdos, e pensar como está sendo essa aprendizagem, quais são as dificuldades principais que a escola enfrenta. Com os dados dessa pesquisa, posso afirmar que a diferença linguística é a maior delas, mas não irei aprofundar essa análise, por não ter levantado dados suficientes que a sustente.

Concluindo, mas não encerrando a discussão, quando falo em inclusão, concordo com Silva (2009), que dentre vários fatores que impedem ou dificultam a inclusão digital, destacamos a exclusão social, (infoexclusão); o pouco domínio do computador e dos recursos da Internet; a criação de políticas públicas que atendam à diversidade; a adequação de equipamentos e criação de softwares específicos, objetivando efetivar a acessibilidade para as pessoas com deficiência. E tendo como foco a acessibilidade tecnológica para o sujeito surdo, entendendo que uma política de infoinclusão pode alavancar uma gama de possibilidades de inclusão e inserção social, através da utilização de tecnologias específicas adequadas às necessidades auditivas, e o acesso facilitado a estas soluções e serviços, possibilitando ao sujeito surdo estar inserido na atual sociedade digital, e, por conseguinte, oportunizar uma comunicação mais efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa me propus a investigar como se dá o processo comunicacional do surdo, em relação ao domínio da língua portuguesa, no contexto tecnológico que vivenciamos, tendo como principais fontes de coleta de dados, as observações no campo empírico, entrevistas e fórum on line. Ela foi desenvolvida numa perspectiva de análise qualitativa, tendo como aporte teórico Vygotsky e estudiosos da Tecnologia Assistiva e da Educação de Surdos. Diante do objetivo geral que foi analisar o papel das redes sociais digitais na comunicação entre surdos através da observação da escrita da língua portuguesa nessas redes digitais, mais especificamente, no Facebook, entendo que foi atingido no momento em que apliquei com sucesso todas as etapas de coleta de dados a que me propus, colhendo e analisando todos os resultados.

Analisando os dados coletados nas etapas da pesquisa, é perceptível a interação entre os participantes. Constatei que os surdos utilizam o espaço virtual do facebook para socialização de notícias, discussão de temas específicos da comunidade surda e também se reúnem em encontros sociais e diversão.

Quanto às dificuldades gramaticais mais recorrentes (conjugação verbal, uso exagerado ou não uso de preposições, concordância nominal e verbal, gênero, estrutura das frases e vocabulário) entendo que podem estar ligadas ao fato do sujeito surdo ser visual, gravar a forma da escrita e não estar exposto a erros gerados pelas diferenças entre os sons das palavras e a grafia das mesmas, problema comum na escrita da língua portuguesa. Como os surdos não são letrados na sua língua, apesar de estarem na escola e foram aprovados na disciplina língua portuguesa, quando se deparam com o português escrito, essa escrita só passa a ter uma representação ao ser mediada por uma língua que haja significação para os mesmos, no caso a libras.

Em relação à utilização de dispositivos específicos, que facilitam a comunicação, os sujeitos surdos apontaram a legendagem close caption, o tradutor libras e o dicionário de libras como os mais utilizados. Já a pouca utilização do livro eletrônico e DVDs interativos me revela a grande dificuldade ainda dos sujeitos surdos em compreender a escrita do português, confirmando assim, a importância da tecnologia assistiva para a inserção comunicacional dos sujeitos surdos e auxiliá-los nas dificuldades da escrita em português. Em relação às maiores dificuldades que encontram na leitura de páginas da internet obtive como resposta a falta de legenda, de tradutor de texto, falta de conteúdo em libras. Essas dificuldades vem reforçar a necessidade de uso de dispositivos que promovam ou facilitem a compreensão do português escrito. Quanto aos usos mais corriqueiros da internet constatei: conversar com amigos e professores

apesar da ineficiência da escola e a incapacidade dos professores de atuar com esses sujeitos; pesquisar; ver notícias; assistir filmes e jogar. E entre os conteúdos de maior interesse, estão as notícias, baixar séries com legenda, vídeos no youtube.

Reforçamos aqui a importância da criação e socialização de aplicativos que minimizem essas dificuldades como algumas tecnologias digitais que tem como proposta garantir a acessibilidade comunicacional para o sujeito surdo.

A maior dificuldade no uso dos sites é entender as mensagens na tela, que estão em português. Logo depois vem o uso de hiperlinks, digitar endereços, fazer buscas de temas. Essas dificuldades resultam de uma educação deficitária para os surdos, devido ao seu histórico de desenvolvimento social e educacional. Segundo as falas dos sujeitos surdos, o desejo de obter informações em libras é geral. Eles se sentem seguros em relação à compreensão da mensagem passada pelo texto. Em relação à dificuldade de leitura em português, a maioria lê com dificuldade, tendo como maior problema entender o significado das palavras; uso dos tempos verbais e a gramática portuguesa em geral.

Analisando todas as informações coletadas, percebi que o processo de inclusão social por meio das redes sociais digitais, permite sua inclusão digital, e o acesso e uso das tecnologias da informação e comunicação, hoje simbolizadas na Internet, é um precioso aliado no acesso e a construção da escrita da língua portuguesa e, por conseguinte, no desenvolvimento da comunicação do sujeito surdo, já que viabiliza o contato com os ouvintes, permitindo a expansão do seu vocabulário e compreensão do significado das informações.

Em relação à alfabetização, conclui que os surdos que conseguiram ter uma educação bilíngue demonstram mais segurança nas respostas ao questionário sobre sua necessidade comunicacional. Então se os surdos tiverem acesso a essa biculturalidade, com certeza estarão mais preparados para aprender, comunicar-se, interagir com todos.

No que concerne à potencialização do domínio do português escrito através das redes sociais digitais, percebemos nas falas que eles conseguem se comunicar bem com os ouvintes, fazendo uma ressalva sobre a falta de domínio do vocabulário, conseguem entender o contexto onde se encontram as palavras e entender a intenção comunicacional do ouvinte. De maneira geral todos de alguma forma se beneficiam da comunicação via facebook.

Quando se referem à forma que utilizam o espaço da rede digital, não percebemos nenhuma diferença em relação ao uso que é feito pelos ouvintes. Eles demonstram que estão “conectados” e usufruindo de sua cidadania. Reforço que a libras e o português são línguas oficiais. E o domínio da segunda, que é utilizada por quase todos os brasileiros, é um importante passo para a emancipação do surdo.

Quanto ao objetivo de identificar as dificuldades e facilidades específicas dos surdos em relação ao processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita para se comunicarem na rede social digital Facebook, acredito que foi cumprido quando os sujeitos surdos se posicionaram demonstrando que constroem conexões entre eles e os ouvintes, por meio de interações e trocas estabelecidas através do agir no espaço social, e quando constatamos as dificuldades gramaticais mais recorrentes e entendemos que a origem da grande maioria desses “erros” estão ligados principalmente pela diferença da estrutura gramatical das duas línguas, o português e a libras. Para corroborar nossa análise sobre essa forma de comunicação do surdo, trazemos o pensamento de Vigotsky (1991, p. 132) quando afirma que “As palavras desempenham um papel central não sóno desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo.”.

Retomando o objetivo de identificar e caracterizar como as formas de utilização da internet pelos surdos podem potencializar o acesso e a construção da escrita da língua portuguesa, com o apoio de Vigotsky (1991, p.44) quando fala que “O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança”, analisamos que o processo de inclusão social por meio das redes sociais digitais, permite sua inclusão digital e é aliado no acesso e a construção da escrita da língua portuguesa e promovendo o desenvolvimento da comunicação do sujeito surdo com os ouvintes, proporcionando a expansão do seu vocabulário e compreensão do significado das informações.

Com relação à interação, posso afirmar, baseada nas observações feitas durante a pesquisa que o uso das redes sociais, só tende a potencializar o comportamento social e intelectual dos sujeitos surdos.

E finalmente o objetivo de analisar se a relação entre o processo de alfabetização dos surdos e a utilização da rede social digital facebook influencia em sua comunicação e interação, retomamos novamente Vigotsky (1991, p.108), quando diz “O pensamento não é simplesmente expresso em palavras, é por meio delas que ele passa a existir”, concluo que quando o surdo tem acesso a uma língua que domine que permita desenvolver seu pensamento ele poderá a partir dessa construção compreender outras formas linguísticas.

Retomando as categorias de análise defendidas nessa pesquisa, concluo que a partir da linguagem, baseada em Quadros (2006) quando fala que defende que a escrita passa a ter uma representação na língua portuguesa quando mediada por uma língua que haja significação, e nos resultados demonstrado pela pesquisa que teremos uma comunicação mais efetiva se respeitarmos as diferenças linguísticas, o surdo consegue interagir, comunicar-se e as redes sociais são um aliado nesse processo de inclusão.

Uma análise fundamental é a de que temos surdos que não dominam nem a libras nem o português, fruto de uma educação segregadora, que não reconhecia as individualidades do sujeito surdo no que tange a comunicação e por conseguinte sua escolarização. Nessa primeira década do século XXI é que estamos vendo algum progresso no que concerne ao reconhecimento da cidadania do sujeito surdo, seu direito de uma educação adequada à sua necessidade de comunicar-se em sua própria língua. Vemos então interação.

Chamo a atenção também para o fato da escolaridade dos surdos participantes desta pesquisa, que estão no ensino médio e superior, apesar de ainda ter a qualidade necessária, principalmente no que diz respeito ao domínio da língua portuguesa em sua forma escrita, fato quase impensável em nossa realidade nacional e local antes da construção de um processo de inclusão que iniciou no Brasil em 1990, (século XX), norteados pela Constituição Federal Brasileira de 1988, que estabeleceu a obrigação do Estado em oferecer o atendimento educacional especial aos portadores de deficiência, e também à LDBEN n 9394/96, quando reafirma a Educação Especial como parte integrante da educação geral.

Uma das maiores dificuldades que enfrentei no processo de construção desta dissertação, foi me distanciar do meu objeto de pesquisa, o sujeito surdo, pois como falei no início deste trabalho, estou envolvida tanto pessoal como profissionalmente, por conviver com minha filha surda, e trabalhar com a Educação especial desde 2003. Analiso que consegui superar essa dificuldade quase em sua totalidade, diante de muito esforço e orientação dos professores que me orientaram.

Compreendo que esta pesquisa permitiu constatar que para o sujeito surdo, as redes sociais digitais potencializam a comunicação entre surdos contribui, maximiza e enriquece o processo de aprendizagem da escrita da língua portuguesa, e promove a interação entre o sujeito surdo e os ouvintes e a rede social digital Facebook, é um ambiente acessível linguisticamente para o sujeito surdo. Os resultados obtidos foram satisfatórios, mas tenho consciência que esta pesquisa não está esgotada, mas sim é apenas um ponto de partida para pesquisas futuras.

Por fim, acredito que uma educação que privilegie políticas públicas de acessibilidade, com respeito às diferenças linguísticas, mediadas pelo uso de Tecnologias de Informação e Comunicação respaldada no bilinguismo e nas linguagens visuais poderá suscitar uma mudança do paradigma da inclusão desse sujeito em todos os espaços, inclusive no espaço virtual e trará contribuições para a promoção de uma equidade social, por conseguinte, será uma forma de combate a infoexclusão (SILVA, 2009, p. 76). Então, acessibilidade aliada à usabilidade, permeada pela tecnologia assistiva é um caminho possível para proporcionar a infoinclusão da pessoa com surdez no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana et Al. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Porto Alegre, Famescos/ PUC/RS, 2008., nº20. Acesso em 15/02/2013.

BASTOS, THEREZA. **A escolarização da criança surda Estratégias e mediações no contexto da sala de aula**. In educação especial no contexto inclusivo; reflexão e ação. EDUFBA, 2011^a

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BASTOS. EDINALMA ROSA OLIVEIRA **Um estudo sobre as manifestações culturais de alunos surdos. Na trilha de uma perspectiva etnográfica**. In educação especial no contexto inclusivo; reflexão e ação. EDUFBA, 2011b.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Nacionais da Educação Especial, na Educação Básica**. Brasília, 2001.

_____, Ministério de Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

_____. **Constituição República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre as necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

_____. Ministério da Educação. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.

_____. Ministério de Educação. Decreto 5296/2004, sobre a acessibilidade, Brasília, 2004.

_____. Ministério de Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394. Brasília, 1996.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação Padrões Brasil e-gov: Cartilha de - Brasília: MP, SLTI, 2010. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/padroes-brasil-e-gov>> Acesso em: 01 de novembro de 2011.

_____. Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm>. Acesso em 02 de novembro de 2011.

CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 2003

CAPRA, Fritjof. Vivendo Redes. In: Duarte, Fábio; Quandt, Carlos; Souza, Queila. O Tempo Das Redes. Editora Perspectiva S/A, 2008. P. 21/23.

CASTELLS, Manuel. Tradução de Roseneide Venâncio Majer. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAPOVILLA, F. C., Macedo, E. C., Penna, J. S., & Capovilla, A. G. S. (2006). Teleavaliação de leitura e escrita em surdos de 5^a e 6^a séries incluídos em três escolas públicas comuns do ensino fundamental. Em Conselho Regional de Psicologia. (Org.), Psicologia e informática. (Vol. 3, pp. 199-234). São Paulo, SP: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

DIAZ, Félix. O processo de aprendizagem e seus transtornos. Salvador: EDUFBA, 2011. 396 p.

CANCLINI, Garcia N. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

COUTINHO, Amândio da Encarnação. Surdo, Professor de Surdos - Perspectiva Histórica e Situação Atual. In Educação para surdos: práticas e perspectivas. 1ª edição. São Paulo: Editora Santos, 2008. p. 29-48.

GALVÃO FILHO, T. A. Tecnologia Assistiva em ambiente computacional: Recursos para a autonomia e inclusão sócio-digital da pessoa com deficiência; in Tecnologia Assistiva nas escolas, MEC, 2008.

GIORDAN, Marcelo. A internet vai á escola: domínio e apropriação de ferramentas culturais. Educação e Pesquisa, jan-mar; v.31, nº01. Universidade de São Paulo, pp. 57-78.

GOLDFELD, Marcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 5^a ed. São Paulo : Plexus Editora, 2002.

GUGEL, Maria aparecida Gugel. Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007.

SURDEZ. Disponível em <http://www.apada-se.org.br/> Acesso em 14 de 1bril de

2012. SENSO PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Disponível em

, http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares_amostr_a/default_resultados_preliminares_amostra.shtm Acesso em 25 de março de 2012.

http://www.ip.usp.br/lance/reportagens/revista_espaco_aberto_editora_paulus.pdf em 03/05/2012

<http://www.rybena.org.br>. Acesso em 08 de dezembro de 2011.

<http://www.noticiasemoda.com.br/facebook-login-www-facebook-com.html> Acesso em 04/05/2011

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1252590-o-facebook-pode-saber-ate-sobre-aquilo-que-voce-nao-compartilha.shtml> . acesso em 04/04/2013.

<http://www.ufsm.br/redevistadireito> v. 7, n. 2 / 2012. Acesso em 04/04/2013.

<http://www.noticiasemoda.com.br/facebook-login-www-facebook-com.html> . Acesso em 04/04/2013.

<http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>. Acesso em 04/04/2013.

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1252590-o-facebook-pode-saber-ate-sobre-aquilo-que-voce-nao-compartilha.shtml> . Acesso em 04/04/2013.

<http://oglobo.globo.com/megazine/pesquisa-79-dos-jovens-que-usam-internet-no-brasil-sao-membros-do-facebook-4473320>Acesso em 15/04/2013.

http://www.pontosdevista.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=3585:oculos-inovadores-com-legendas-para-surdos&catid=65:tecnologia. Acesso em 17/01/2013

<http://www.bhlegal.net/blog/ve-libras-software-livre-traduz-fala-e-escrita-para-a-lingua-de-sinais/>

JANNUZZI, Gilberta S.M. “Políticas sociais públicas de educação especial”. Temas sobre Desenvolvimento, 9. , pp. 8-10.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo. Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. As tecnologias da informação e a exclusão digital. Transinformação, Campinas-SP, v. 14, n. 02, p. 159-165, 2003.

[ACV1] Comentário: Rever. Precisa haver um título antes ao que se refere o site. Ex. SURDEZ. Disponível em: _____ Acesso em: 17 ago de 2013.

MENESES, Soraya C. P. Educação Inclusiva, tecnologia e tecnologia assistiva: As redes sociais promovendo a comunicação da pessoa surda. Até que ponto exclui ou inclui?. Aracaju: Criação, 2013.P. 171-189.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio- histórico. 4. Ed. São Paulo: Scipione, 2005. (Pensamento e Ação no Magistério). Organização das Nações Unidas. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006.

PRADO, R. B. de S.; CORRÊA, A. B. A. V. Políticas públicas para as pessoas com deficiência: um levantamento histórico (1970 - 2005), Anais do 3º Congresso Baiano de educação Inclusiva. 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; Schmiedt, Magali. Idéias para ensinar português para surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROCHA, Paula Jung & MONTARDO Sandra Portella Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2005.

SÁ, Simone Pereira de. Netnografia nas redes digitais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade, X Compós, UnB, Brasília, 2001.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad.Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[ACV2] Comentário: Este é um capítulo seu que saiu em um livro? Faltam os dados da autora.

SALES, Denise Regina; OLIVEIRA Marta Kohl de e MARQUES, Priscila Nascimento. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.Tradução do original: VIGOTSKI, L. S. defektologuiia i utchenie o razvitiia i vos- pitanii nenormálnogo rebionka. In: Problemi defektologii [Problemas de defectologia]. Moscou: Prosveschenie, 1995. p. (451-458.)

SANTAELLA, Lúcia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Marco. Infoexclusão e analfabetismo digital: desafios para a educação na sociedade da informação e na cibercultura. In: FREITAS, Maria T. A. (org.) Cibercultura e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 2005.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. Ed, 6ª impressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 128p.

SOARES, Maria Aparecida Leite. A Educação do Surdo no Brasil. 2º Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas. Aracaju: UNIT, 2005.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. Gênese da educação dos surdos em Aracaju. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade federal da Bahia. Salvador, 2007.193 f.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. Gênese da educação dos surdos em Aracaju. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

STROBEL, Karin Lilian. História dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In QUADROS, Ronice Muller de; Perlin Gladis. Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Editora Atlas, 2005. 287p. ISBN 85-2243963-X.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____.Tomo Cinco: fundamentos de defectología; trad. Carmen Ponce Fernández.

– Madri, Espanha: Pueblo y Educación, 1989.

_____;LURIA, Alexander; LEONTIEV, Alexis, N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São paulo: Ícone, 1998.

WOLTON, Dominique. Informar não é comunicar. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.



Mestra em Educação, pela Universidade Tiradentes (2013), possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (1986), e pós-graduação em Educação Inclusiva e Libras, além de vários cursos de atualização nas áreas da Educação de Surdos, Surdocegos e em Tecnologia Assistiva. Atua como Pedagoga no Instituto Federal de Sergipe (IFS), como professora da rede municipal de Aracaju e ministrando cursos de pós graduação e de formação continuada para professores na área da Educação Inclusiva, que atuam em salas de inclusão e em Salas de Recursos.

“quero escrever português certo... é difícil para surdo, a vida do surdo é um abismo.”

(Vilauba Pacheco)

